

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

**Migrantes goianos
e sua relação com a cidade de Uberlândia
(Décadas de 1970 e 1980)**

3914

SHIRLY MARTINS DE OLIVEIRA

S. 9(c)

SHIRLY MARTINS DE OLIVEIRA

**Migrantes goianos
e sua relação com a cidade de Uberlândia
(Décadas de 1970 e 1980)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Uberlândia, Julho de 2009.

Shirly Martins de Oliveira (1979)

Migrantes goianos e sua relação com a cidade de Uberlândia (Décadas de 1970 e 1980).
71 fls.

Orientadora: Marta Emísia Jacinto Barbosa

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação
em História.

Inclui Bibliografia.

Palavras – Chave: Migração, História, História-Oral.

SHIRLY MARTINS DE OLIVEIRA

**Migrantes goianos
e sua relação com a cidade de Uberlândia
(Décadas de 1970 e 1980).**

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Marta Emília Jacinto Barbosa

Prof^ª. Dr^ª. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Prof. Carlos Meneses de Sousa Santos

Dedico esta pesquisa à minha mãe Sônia, que significa tudo para mim: um exemplo de vida, de luta, de superações, de fé, de conquistas e que carrega a chama da esperança. Sônia você é simplesmente a razão da minha vida, não consigo encontrar palavras, que expressem o que sinto por você, é como diz a canção:

*"Eu tenho tanto pra te falar/
Mas com palavras não sei dizer/
Como é grande o meu amor por você...*

*E não há nada pra comparar/
Para poder lhe explicar/
Como é grande o meu amor por você...*

*Nem mesmo o céu, nem as estrelas/
Nem mesmo o mar e o infinito/
Não é maior que o meu amor/
Nem mais bonito...*

*Me desespero a procurar/
Alguma forma de lhe falar/
Como é grande o meu amor por você...*

*Nunca se esqueça nenhum segundo/
Que eu tenho o amor maior do mundo/
Como é grande o meu amor por você...*

Mas como é grande o meu amor por você..."
(Composição: Roberto Carlos)

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus que é a presença constante em minha vida, sempre me dando força para enfrentar as dificuldades que se fazem presentes em minha caminhada. Obrigada Senhor por tudo o que me tem proporcionado, principalmente pela família que escolheste para mim, que minha fé no Senhor se renove a cada dia.

Em segundo lugar, à minha família, principalmente meus pais: dona Sônia e o Sr. José Alexandre que sempre se esforçaram para proporcionar meus estudos e me apoiaram durante toda minha trajetória. À minha irmã Daniela por me agüentar todos os dias e por me ajudar de todas as formas. Às minhas queridíssimas sobrinhas: Júlia e Nathália que são um presente de Deus, eu amo muito vocês.

Agradeço a minha orientadora, Professora Marta Emísia, que aceitou me orientar com muito carinho, sempre me oferecendo momentos de discussões valiosas, me incentivando, me tornando ciente dos meus erros e acertos. Querida Marta você é uma “santa” por ter dedicado tanta atenção e paciência, agradeço a Deus não apenas por você ter aceitado o convite para me orientar, mas acima de tudo por me conceder a oportunidade de lhe conhecer: você é uma pessoa iluminada.

Agradeço a todos os professores que tive durante a minha vida acadêmica, todos eles despertaram em mim o amor ao saber, o amor à leitura, reflexão, enfim, à paixão pelos estudos.

Agradeço a todos os entrevistados: dona Sônia, Sr. Maurício, dona Maria Hilda, Eliete, Sr. José Georgino, dona Maria Joana e o Sr. Carlos, que contribuíram e “enriqueceram” esta pesquisa, se dispondo a relatar de forma prazerosa suas trajetórias de vidas, muitas das vezes de forma emocionada por despertar os mais variados sentimentos, sem vocês eu não teria conseguido realizar esta pesquisa, por isso agradeço do fundo do meu coração pela grande contribuição.

Agradeço à Professora Geisa do Curso de Geografia (UFU) a qual tive a oportunidade de conhecer quando participei da disciplina de Geografia da População, que me ajudou com muito carinho e de forma prestativa com a indicação de uma bibliografia específica sobre migração, que me ajudou bastante.

Agradeço aos vários amigos que fiz no curso de História, aos quais não citarei os nomes por medo de esquecer algum, foram felizes todos esses anos que passei nesta

universidade e a cada semestre fazer novos amigos e encontrar antigos, agradeço a todos vocês, me ensinaram muito e contribuíram nesta minha caminhada.

Agradeço a minha tia Maria Joana por sempre me incentivar em meus estudos na minha vida pessoal, por ser uma grande amiga para mim: tia você significa muito para mim, você é pura alegria um exemplo de vida para todas as pessoas, obrigada por me incentivar e me apoiar sempre.

Enfim agradeço a todos os amigos, que contribuíram para a realização desta pesquisa, que colaboraram com os momentos felizes e pelos momentos tristes também, a todos vocês que estiveram nesta jornada tanto acadêmica como na minha vida pessoal, sem vocês eu não teria conseguido, vocês iluminam meu caminho. Um grande abraço a todos e obrigada pelo carinho, dedicação e paciência. Este trabalho também é de vocês: espero que gostem e se identifiquem com ele.

A todos um forte abraço!

Sumário

Resumo.....	8
Introdução.....	9
Capítulo 1 – Trajetória da Migração: Goiás-Uberlândia.....	13
Capítulo 2 – Vivendo a Cidade.....	38
Considerações Finais.....	61
Fontes.....	65
Bibliografia.....	68

Resumo

Esta monografia trata da migração do Estado de Goiás para a cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1970 e 1980. O porquê da escolha de Uberlândia como cidade de destino era a questão inicial deste trabalho, já que havia várias outras opções de destino para os migrantes, e como se deu essa escolha também foi outra questão abordada. Porém, no decorrer das entrevistas e da realização desta pesquisa, outras questões foram surgindo e ganhando destaque e, portanto, se encontram neste trabalho, como a família, o trabalho, valores que vão além das questões econômicas, entre outros.

O principal material usado nesta pesquisa foi a fonte oral, foram realizadas entrevistas com migrantes do Estado de Goiás, mais especificamente do Sudoeste Goiano, que vieram para Uberlândia no período abordado. Além das entrevistas, destaco matérias de jornal como importante material, assim como os estudos que lidam com a organização de dados estatísticos sobre migração no Brasil, especialmente na região em estudo.

O trabalho com as entrevistas relacionado às leituras de jornais e estudos sobre migração foi essencial para entender a complexidade dos estudos em história. Ouvir as pessoas e suas experiências modifica a forma pela qual olhamos os outros materiais e a própria história. Nesse sentido, os capítulos expressam o esforço para apontar possibilidades de leitura a respeito desse processo de deslocamento e constituição da cidade por diferentes sujeitos com trajetórias diversas.

Introdução

Ao escolher o tema desta pesquisa já tinha em mente trabalhar a migração, mais especificamente a migração para a cidade de Uberlândia (MG). Queria saber por que as pessoas diante de tantas outras opções escolhiam, selecionavam ou simplesmente decidiam que esta cidade era o lugar onde seus objetivos ou sonhos se tornariam realidade ou parte deles. Porque esta cidade, Uberlândia, era a cidade certa? Porque não outra? O que atrai as pessoas até ela? Qual era o diferencial desta cidade? Quais os fatores que contribuíram para sua escolha? Quem são esses migrantes? O que fazem? Quais são seus sonhos e objetivos?

Essas são algumas das indagações que me acompanharam ao iniciar esta pesquisa. Mesmo diante da escolha do tema: a migração, essa ainda era uma escolha muito vaga. Era necessário delimitar esse tema para assim iniciar de fato a pesquisa.

Escolhi o Estado de Goiás como origem dos migrantes ou última residência deles antes de migrarem para Uberlândia. A escolha da migração goiana para a cidade de Uberlândia, não foi uma escolha aleatória, o Estado de Goiás foi escolhido por fazer parte da minha história de vida. Nascida nesse estado, mais precisamente na cidade de Rio Verde (GO), filha de um jovem casal de pessoas simples, meu pai trabalhava em um posto de combustível e minha mãe trabalhava na lavoura como “bóia-fria”, ambos com pouco grau de instrução, fruto de um casamento cheio de amor, meus pais decidiram migrar para Uberlândia no ano de 1980 em busca de maiores e melhores oportunidades de emprego. Este trabalho não é somente uma pesquisa sobre migrantes em busca de sonhos e objetivos é também a minha história de vida, é a história de vida da minha família e também de tantas outras.

Diante de um tema estabelecido “a migração do Estado de Goiás para a cidade de Uberlândia”, parti para outro ponto, a escolha do período que seria abordado. As décadas de 70 e 80, por serem períodos onde amigos da família que também são migrantes oriundos do Estado de Goiás, vieram se estabelecer em Uberlândia e coincidentemente pesquisas sobre o senso demográfico de Uberlândia apontam que este mesmo período foi em que o Estado de Goiás mais forneceu imigrantes para esta cidade. Outro ponto também importante para a delimitação deste tema foi estabelecer de qual parte do Estado de Goiás vieram esses migrantes, já que trabalhar o Estado todo tornaria a pesquisa muito extensa. Os entrevistados que contribuíram para a realização deste trabalho são mais precisamente do Sudoeste Goiano.

A fonte oral foi a principal fonte usada nesta pesquisa, ela foi usada em abundância. Foram entrevistadas pessoas vindas dos municípios de Itumbiara (GO), Santa Helena de Goiás (GO), Rio Verde (GO), Riverlândia e Lagoa do Bauzinho ambos os distritos de Rio Verde (GO). São no geral municípios de pequeno porte comparados a cidade de Uberlândia, alguns ainda não possuem emancipação, Riverlândia e Lagoa do Bauzinho, apresentando no período abordado uma economia rural ou com fortes traços dela. Municípios com um comércio restrito, poucas instituições escolares, geralmente distantes dos locais de residência dos entrevistados. Tendo com prática de lazer o uso dos recursos naturais de cada região, com a prática de simples atividades tais como: nadar, pescar, fazer piqueniques, brincar, jogar bola entre outras.

A escolha da fonte oral se deu por dar mais vivacidade a este trabalho, dar voz aos migrantes, não resumi-los apenas a números e taxas, dar rosto as estatísticas. Mostrar que todos nós temos uma história, fazemos parte de uma história, construímos história. Esses migrantes com suas histórias de vida, que nos pode parecer comuns num primeiro momento, podem com seus depoimentos ajudar a construir grandes pesquisas, grandes estudos com suas vidas cotidianas, com seu passado, seu presente, suas trajetórias de vida. Usar a história oral é dar voz aqueles que não têm vez.

Apesar de a fonte oral ser a principal fonte a ser usada neste trabalho, ela não é a única. Ela não substitui as fontes escritas, que também foram utilizadas nesta pesquisa: textos sobre fontes orais, tese de doutorado, artigos variados sobre a cidade de Uberlândia, matérias de jornal, textos sobre migração, dados e estatísticas do IBGE, entre outras.

Na jornada final do curso tive a oportunidade de poder frequentar aulas de uma disciplina que contribui muito para a realização desta pesquisa, no curso de geografia da UFU, mais precisamente a disciplina de Geografia da População, onde tive excelentes indicações de bibliografias que constam nesta pesquisa.

Antes de iniciar a pesquisa já tinha em mente idéias pré-concebidas de que os motivos que levavam a migração de milhares de pessoas, às vezes até localidades nunca vista, era exclusivamente econômicos. Ao iniciar as entrevistas pude constatar que este era um grave equívoco de minha parte, pois a vida das pessoas está além das questões financeiras e dos bens materiais, existem outras relações, outros valores, outras questões que levam as pessoas a tomar essa decisão: a de migrar.

No início das entrevistas tive um pouco de dificuldade, por não me sentir a vontade, por certa timidez, isso de certa forma também levou os entrevistados a se sentirem inibidos,

porém com o decorrer do tempo conseguiu ter uma maior proximidade com os entrevistados, sem um questionário definido, pude encontrar nas entrevistas elementos que não havia pensado antes, questões de grande importância que mereceram lugar neste trabalho e que contribuiu e muito para a realização desta pesquisa. Sendo a família um dos principais elementos ou até mesmo o maior desta pesquisa, já que foi por ela que nasceu o desejo de migração e é por ela que o desejo de uma “vida melhor” alimenta a vida desses migrantes.

Dessa forma a pesquisa que inicialmente se concentrava apenas na escolha da cidade de Uberlândia como uma cidade atrativa para a migração, levando em consideração os motivos da migração os aspectos econômicos vai incorporando outros elementos que se fizeram necessário diante da riqueza dos depoimentos.

Com as entrevistas feitas, o próximo passo foi as transcrições, sempre mantendo o cuidado de transcrevê-las em sua totalidade, sendo fiel as falas dos entrevistados, assim como todas as suas reações. Depois das transcrições, partir para a análise de todas as entrevistas e identificando os pontos comuns a todas para confrontá-los com as outras fontes usadas.

A escolha dos entrevistados foi feita por um convite de minha parte com amigos próximos da família, amizade constituída por meus pais, ainda no Estado de Goiás e que os acompanharam em suas trajetórias de vida e que se mantém até hoje nesta cidade de Uberlândia. O perfil dos entrevistados são pessoas simples, com pouco grau de instrução, com idade mínima de 40 anos, homens e mulheres, que vieram do Estado de Goiás para a cidade de Uberlândia nas décadas de 70 e 80.

Dona Sônia, Sr. Maurício, Dona Maria Hilda, Eliete, Sr. José Georgino, Sr. Carlos, abriram as portas de suas casas e com o maior prazer relatou suas experiências sempre carregadas de muita emoção, já que é uma volta ao passado que deixou marcas e recordar esses momentos e trazê-los de volta ao presente e todos contribuíram e muito para a realização deste trabalho. Dona Maria Joana que veio especialmente do Estado de Goiás (ela foi a única dos entrevistados que retornou) com sua alegria constante contribuiu com seu depoimento enriquecedor, com sua trajetória de “menina da roça”, praticamente sem instrução, porém com uma vida de intensa alegria, determinação pode me presentear com um grande depoimento cheio de expressões simples mais com grandes significados. A escolha dos entrevistados não poderia ter sido melhor, todos eles foram os verdadeiros responsáveis por este trabalho.

O trabalho de monografia que apresento aqui é dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo abordo a vida dos migrantes que se deslocaram para a cidade de Uberlândia.

Destacando a vida em família no Estado de Goiás, na zona rural ou em pequenos municípios, onde o trabalho da roça é feito entre os membros da família, um trabalho pesado, os filhos sempre acompanhando os pais no dia-a-dia. Os filhos durante uma parte do dia freqüentam a escola, que geralmente são distantes dos locais onde residem e na outra parte do dia ajudam seus pais na lavoura. Os entrevistados residem na zona rural ou pequenos municípios onde o comércio local é muito restrito com poucas opções, tanta para adquirir uma determinada mercadoria como para a oferta de emprego, são municípios que geralmente contam com um pequeno mercadinho, um posto de combustível, uma farmácia, alguns contam com uma pequena loja de roupa e alguns bares.

Com as transformações econômicas que aconteceram no Estado de Goiás a partir da década de 60 observa-se um movimento que afetou os pequenos produtores ameaçados com a imposição da tecnologia na agricultura mudando todo o cenário. Diante das transformações, dificuldades e o desejo de uma vida melhor para os filhos uma trajetória de migração iniciou-se, entre outros destinos, para a cidade de Uberlândia.

No segundo capítulo trato dos motivos que levaram a migração. A escolha da cidade de Uberlândia pelos migrantes é outro aspecto abordado, assim como a construção de um discurso atrativo pela imprensa e pela elite política dirigente desta cidade. Uma vez estabelecidos nesta cidade como foi a adaptação dos migrantes, as dificuldades encontradas, a construção de uma nova vida e, sobretudo os pontos positivos dessa caminhada.

Em alguns momentos o texto ultrapassa a idéia inicial com a incorporação de muitos elementos que inicialmente não foram pensados, aspectos que foram incorporados utilizando as fontes orais, que contribuíram muito para a realização desta pesquisa. A realização desta pesquisa só foi possível com um diálogo com todas as fontes sejam elas orais ou escritas. Diante disso as páginas que se seguem são compostas de uma pesquisa que procura refletir sobre o papel da migração e mais do que isso dar identidade a todos os números e estatísticas que acompanham esse tema.

Capítulo 1

Trajatória da migração: Goiás-Uberlândia

Esta pesquisa busca refletir sobre o porquê das famílias estabelecidas no Estado de Goiás migrar especificamente para a cidade de Uberlândia, diante de tantas outras opções e atrativos que várias cidades do país ofereciam. Investigar o porquê da escolha dessa cidade era uma aspiração que me acompanhava desde o sexto período do curso de graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia quando tive a oportunidade de trabalhar um texto da historiadora Dalva Maria de Oliveira Silva: *Migrantes nordestinos e as relações com a cidade*¹. Esse texto trabalha a grande quantidade de migrantes nordestinos que a cidade de Ituiutaba (MG) recebeu a partir da segunda metade da década de 40 e décadas de 50 e 60; atraídos pela grande quantidade de terras inexploradas e férteis para a agricultura, aos poucos esses migrantes vão se estabelecendo na cidade modificando o espaço e criando relações com essa cidade.

Mesmo diante de um tema já estabelecido; no caso a migração para a cidade de Uberlândia ainda havia muito trabalho a ser realizado, delimitar o tema era algo imprescindível para a realização da pesquisa, já que no início, o grande interesse dessa pesquisadora era saber exclusivamente o porquê da escolha pela cidade de Uberlândia considerando apenas os aspectos econômicos.

Grave equívoco de minha parte, pois só pude levantar questões que estão além das econômicas quando iniciei a pesquisa, mais precisamente ao realizar as entrevistas. Ao analisar os depoimentos percebi a importância de outras questões nas vidas dos entrevistados: aspectos sociais, as relações de afeto, as raízes dos migrantes, seus planos e objetivos para um futuro melhor, enfim, como pesquisadora já tinha ideias pré-concebidas antes da pesquisa.

Parecia “simples”, bastava usar depoimentos orais ter um questionário definido e pronto fazer as entrevistas, as quais seriam perguntas e respostas indagando os porquês: porque migrar? Porque Uberlândia? Porque não outra cidade? O que parecia simples foi logo se tornando complicado, o que me fez identificar uma passagem da tese de doutorado da Historiadora Regina Ilka Vieira Vasconcelos onde ela destaca que:

¹OLIVEIRA, Dalva Maria de. *Migrantes nordestinos e as relações com a cidade*. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'Água. PUC-SP (Programa de Estudos Pós-Graduados em História/ Série: Pesquisa em História). nov. 1999. p. 173-197.

(...) O que me parecia uma simples delimitação do objetivo revelou-se o início de uma problemática. Quando do ingresso na pesquisa de campo, fui percebendo gradativamente, as armadilhas da idealização, da visão homogeneizada e estereotipada que às vezes cercam o pesquisador na busca dos sujeitos da pesquisa².

Ou seja, a ideia que tinha antes de iniciar a pesquisa é a de que diante de um tema já estabelecido e a escolha de uma fonte, a fonte oral seria uma tarefa fácil e simples. Bastava entrevistar as pessoas certas com um “questionário certo” e de posse do material, bastaria explorar as entrevistas, confrontá-las com textos sobre o assunto e algum outro material que julgava necessário e assim realizaria a pesquisa. Mas não foi bem assim, ao iniciar a pesquisa como diz Regina Ilka, fui percebendo as “armadilhas da idealização”, idealização que realizaria as entrevistas com as perguntas corretas e ouviriam também as respostas que julgava corretas e diante dessa visão realizaria um trabalho com certo grau de facilidade. Porém logo na primeira entrevista me vi diante de várias questões que não havia imaginado que pudesse me ocorrer.

Cada entrevista é única, surgem dúvidas e questionamentos que antes nem havia passado pela minha cabeça. Quando se está realizando uma entrevista nos deparamos com questões que não sabemos resolver ou que nos coloca em situação de desconforto até mesmo para o entrevistado. Situações que não prevemos com antecedência como respostas curtas e definitivas que não permite ao entrevistador dar continuidade ao assunto, os entrevistados desviam do assunto e por mais que o entrevistador queira voltar ao assunto e iniciar, ele não consegue. O entrevistado responde uma questão com outra pergunta, o entrevistado se coloca no lugar do entrevistador, determinadas questões levantadas pelo entrevistador pode trazer certo apelo sentimental ao entrevistado, durante a realização das entrevistas surgem momentos de profundo silêncio o que pode dificultar o seu prosseguimento, são várias as dificuldades e situações que pode surgir durante uma entrevista.

A idealização que tinha em minha mente antes de iniciar as entrevistas é de que diante das entrevistas realizadas com um questionário bem definido com as perguntas que achava “corretas e certas” seria fácil realizar um trabalho escrito, bastaria explorar as entrevistas confrontá-las com textos sobre o assunto e outros materiais que julgava necessário e assim realizaria a pesquisa, fácil assim... Óbvio que as minhas “boas intenções” de produzir um trabalho onde tudo se encaixaria com tanta facilidade estava apenas na minha cabeça. Não é que produzir uma pesquisa seja um “bicho de sete cabeças”, algo inalcançável, porém não é

²VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. *Narradores do sertão: história e cultura nas histórias de assombramento de sertanejos cearenses*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). 2004. Ver p. 19.

um trabalho tão simples como idealizei, é preciso muito estudo, muita pesquisa, não ter medo de escrever, reescrever, procurar e investigar suas fontes, ler vários autores e ter muita dedicação. Produzir pesquisa, pesquisa de qualidade é algo que só depende de cada um de nós e de nossos esforços.

A escolha do tema teve outro ponto além do já citado anteriormente, já que essa experiência de migrar para o Estado de Goiás para a cidade de Uberlândia (MG) nesse período abordado pela pesquisa, décadas de 70 e 80, constitui-se em minha própria vivência. Filha de uma família de pessoas simples com pouco grau de instrução que residiam em um pequeno município do Estado de Goiás; acompanhei meus pais na migração para Uberlândia no ano de 1980, em meio a várias transformações que já vinham acontecendo na economia desse estado.

Transformações econômicas que estão ocorrendo no cenário do Estado de Goiás motivadas pelo desenvolvimento das técnicas de produção no cerrado goiano, pela produção em larga escala não permitindo ao pequeno agricultor se manter na terra, pelo alto valor do arrendamento, pois nem todos são proprietários de terra, diante deste cenário muitos chefes de família não mais puderam fazer a manutenção de suas famílias. Neste cenário, cercada de tantas dificuldades, os chefes de família não vêem um futuro melhor para os filhos, sendo necessário, então dirigir-se à cidade fora de sua região.

Desde início desta pesquisa a fonte oral foi escolhida como a principal fonte a ser utilizada, já que a utilização dos depoimentos orais dos migrantes como diz Portelli, *sempre lançam nova luz sobre as áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas*³, pois, os migrantes saem de sua terra natal em busca de objetivos os mais variados possíveis, mas sempre sem saber o que podem encontrar e na verdade muito pouco se conhece sobre os migrantes, o que na maioria das vezes sabemos são apenas números, taxas, saldos de migração e aspectos gerais que motivam essa migração. Porém não sabemos quem são? Quais suas origens? Que tipo de atividades realizavam? O que levaram a decisão de migrar? O que esperam para o futuro? O que temos são muitos dados sobre a migração, mas, muito pouco quem são essas pessoas, seus sentimentos, suas expectativas, seus desafios, enfim quem é esse migrante de quem estamos falando? Qual o rosto que ele tem? Qual sua identidade?

Diante da escolha da fonte, pude me identificar mais uma vez com uma passagem da tese de doutorado da Historiadora Regina Ilka Vieira Vasconcelos onde ela ressalta que:

³PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto de História*, São Paulo, nº 14, p. 25-39, fev./ 1997. Ver p.31.

*O que se tornou central foram as pessoas, seus modos de lembrar, seus modos de narrar e, principalmente seus modos de situar-se em seus contextos sociais. E não poderia ser diferente em minha escolha por trabalhar com a história oral por encontrá-las em suas próprias falas.*⁴

Tudo se tornou muito importante e esclarecedor para mim quando pude ouvir cada entrevistado e não apenas ouvi-los, mas, sobretudo vislumbrar suas vidas e trajetórias.

Ao analisar as entrevistas realizadas deparei-me com elementos que não havia imaginado antes, ao narrar sua trajetória de vida o migrante com suas lembranças nos oferece elementos de seu cotidiano, pequenos detalhes que foram fundamentais para a realização desse trabalho. Diante das entrevistas a minha indagação inicial o porquê de Uberlândia ser a cidade escolhida como destino desses migrantes logo cedeu lugar às outras questões tão importantes como esta; aspectos da vida dessas pessoas que constitui nas vivências de tantas outras pessoas que também partiram em busca de uma vida melhor. A vida, a família, as emoções, as dificuldades, as alegrias, o trabalho, as esperanças, a forma de pensar, os objetivos de todos se tornaram elementos indispensáveis para a realização desta pesquisa.

Contudo, a fonte oral não foi a única a ser utilizada, ela não substitui as fontes escritas que também foram usadas nesta pesquisa. Porém ela é usada em abundância, pois os depoimentos dos migrantes são considerados enriquecedores com grandeza de detalhes que podem trazer elementos que em outras fontes não seriam encontrados, com suas interpretações sobre variadas situações, sua vivências, seus sentimentos e valores, já que ao narrar sua história, o migrante *utiliza suas lembranças, recorre ao passado, constrói representações e transforma idéias e imagens em realidade, mesclando as várias grandezas do tempo*,⁵ narrando e relembando os acontecimentos de acordo com seus valores, idéias, lembranças e as transformações que sofrem no decorrer do tempo.

Não foi difícil escolher e encontrar os migrantes para darem seu depoimento, pois já tinha uma lista com alguns nomes, pessoas que vieram no período abordado, décadas de 70 e 80, que no geral são amigos próximos de minha família, amizade constituída no Estado de Goiás ainda na infância de meus pais, com no mínimo quarenta anos de idade, que relataram suas experiências e que me surpreendi por encontrar elementos não antes pensados. Homens e mulheres que contribuíram e muito para a realização desta pesquisa.

⁴VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. *Narradores do sertão: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). 2004. Ver p.27.

⁵LUCENA, C. R. P. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. Ver p.25.

Parti para a realização das entrevistas, havia claro certa aproximação com os sujeitos da pesquisa, uma vez que eram pessoas de meu contato, mas mesmo assim não consegui deixar de interferir em suas falas, já que não tinham um questionário definido, apenas orientações do que gostariam que fosse relatado. Nas primeiras entrevistas tentei direcionar o assunto, queria de imediato ouvir o porquê da migração para Uberlândia, como se essa fosse a resposta a todos os meus anseios. Claro que não atuar na fala durante a entrevista é algo praticamente impossível, porém era necessário da minha parte interferir o menos possível, isso me fez refletir sobre uma questão levantada por Portelli: *A arte essencial do historiador oral é arte de ouvir*,⁶ sem dúvida isto é uma grande verdade, pois depois das primeiras três entrevistas passei a ouvir tudo o que os entrevistados diziam com o mínimo de interferência e os resultados foram bem mais satisfatórios. Deixando os entrevistados narrarem suas trajetórias fluidamente pude encontrar elementos de grande importância para a realização desse trabalho.

Fui até a casa dos entrevistados, sempre muito recebida e me propus a ouvir o que tinham a me dizer e todos se mostraram bem interessados em minha pesquisa, claro que nem sempre ouvia o que queria ouvir, melhor o que antecipadamente havia imaginado ouvir, porém isso é uma questão que me fez refletir bastante sobre como estava errada. Parti para as entrevistas com pessoas que estão dispostas a contribuir para sua realização e ter em mente as respostas que me pareciam certas, isso na verdade pode ser tornar uma falta de respeito pelo outro como diz Portelli, *O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral*⁷. Saber ouvir é realmente muito importante para se trabalhar com depoimentos, pois em pequenos detalhes e assuntos que, às vezes, nos parece não muito ligados ao tema podem e contribuem para enriquecer nosso trabalho e isso foi primordial para a realização desta pesquisa.

Ao realizar as entrevistas, parti para a transcrição *ressaltando a opção de transcrevê-las mantendo a construção da oralidade e as expressões regionais. Tal opção no fato de que a linguagem tem o potencial de revelar o sujeito em toda sua força*⁸. O trabalho da transcrição não me pareceu uma simples tarefa, pois me esforcei ao máximo para construir os diálogos em sua total originalidade, cada palavra, pausa, sussurros, soluços, risos... Enfim, qualquer

⁶PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho; algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo n. 15, p. 13-49, 1997. Ver. p.22.

⁷Idem. Ver. p.17.

⁸SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação, a construção de novos valores*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1995. Ver p.02.

reação que pode ser gravada durante as entrevistas. Pois foi através destas reações que pude observar como cada entrevistado se comportava durante seu depoimento e os sentimentos que envolviam suas palavras, já que estavam narrando partes de suas vidas que estão repletas de momentos felizes e momentos de felicidade.

Feitas as transcrições, parti para a análise de cada uma delas e detectei pontos em comum a todas e o primeiro aspecto que pude observar foi de grande impacto e importância na vida dos entrevistados e que apareceu durante toda sua trajetória de vida: a família.

A família é algo primordial na vida dos entrevistados, um ponto em comum a todos eles, algo de extrema importância, ela aparece como o suporte, a base de tudo. Família essa que está sempre presente em todos os momentos: no trabalho, no lazer, na migração, ela não se dissolve, esta sempre presente na fala dos entrevistados., como nos relata Eliete, 40 anos, atualmente professora, vinda de Itumbiara para Uberlândia no ano 1978:

Bom, eu nasci em Goiatuba, Estado de Goiás mas só nasci, porque a minha mãe e minha família era da zona rural... Minha mãe é exigiu que meu pai comprasse uma casa na cidade, uma cidadezinha um pouquinho maior que mais próximo era Bom Jesus (GO). Mas Bom Jesus era pequenininho e não tinha escola suficiente pro meus irmãos que já ia entrá no que é hoje ensino médio. Ai depois com meus nove anos de idade nós mudamos pra Uberlândia, meu pai vendeu as terras dele porque já tinha (...) tava passando um período de crise é na lavoura, as condições temporais e ele desanimou, desistiu e vendeu e o dinheiro, a família dele já morava aqui, aconselhou ele a vir pra cá (Uberlândia) e comprar casas pra alugar e arrumar um emprego aqui. Assim viemos pra cá, acho se não me falha a memória em torno de 23,25 de dezembro de [19]78, né? E aqui era promessa de se ter emprego, diferente de Itumbiara (GO), minha mãe também preferiu porque a família falava que aqui tinha mais oportunidade de estudo de melhorar que Itumbiara.⁹

Neste trecho podemos destacar a ideia do que significa a família neste período, primeiro Eliete nos relata que sua família no momento de seu nascimento residia na zona rural do Estado de Goiás e sua mãe que se preocupava com o futuro dos filhos solicita ao pai que compre uma casa em um município maior para que os filhos pudessem prosseguir com os estudos. A família sempre unida num primeiro momento migra da zona rural para o município de Itumbiara (GO) em busca de oportunidades de estudo para os filhos e novamente em dezembro de 1978, migram para o município de Uberlândia (MG) aceitando conselhos da família de seu pai de que nesta cidade era promessa de oportunidade de emprego. A família é motivo de se tentar uma vida melhor por meio da migração e ela também influenciou na escolha do município de Uberlândia com o discurso de que aqui se encontraria melhores oportunidades de estudo e trabalho diferente do que acontecia no município de Itumbiara.

⁹Entrevista com Eliete Antônia da Silva, realizada no dia 06/06/2008.

No período abordado, décadas de 70 e 80, as famílias tem uma preocupação maior com os estudos dos filhos em dar condições para que seus filhos tivessem oportunidades de estudar já que nesse momento o número de universidades e até colégios que oferecessem o que o hoje é denominado ensino médio era bastante inferior se compararmos com o momento atual, como podemos confirmar no trecho da entrevista de Eliete onde ela destaca que,

Bom Jesus era piquinininho e não tinha escola suficiente pro meus irmãos que já ia entrar no que é hoje ensino médio.¹⁰

Ou seja, a educação básica era oferecida em alguns municípios, aqueles que residiam na zona rural tinham uma dificuldade ainda maior, já que para serem alfabetizados e para prosseguir com os estudos era necessário então se locomover para município de maior porte, sendo um dos grandes motivos para a migração.

Os entrevistados nesse período ainda são jovens e residem com seus pais e irmãos, nesse momento as famílias tem uma constituição um pouco diferente comparada ao momento atual, geralmente o casal tinha um número de filhos bem maior que iriam ajudar os pais no trabalho. Trabalho esse que rural que necessitava de mão-de-obra em abundância e todo feito pelos membros da própria família já que não havia condições de se manter empregados. A força de trabalho não era o único fator para se ter mais filhos, havia outros motivos como uma maior “facilidade” na questão alimentação, uma vez que as famílias produziam parte dos alimentos, a questão da violência parecia ser menor já que os filhos estavam sempre na presença dos pais e esses exerciam um controle maior sobre eles, a mãe sai menos de casa para trabalhar fora podendo acompanhar o crescimento dos filhos. Diferentemente de hoje que no geral as famílias são bem menos numerosas, os casais têm apenas um ou dois filhos, há muitas mães solteiras que batalham para criar seus filhos, muitas crianças moram hoje com avós ou outros parentes pelos mais variados motivos, são pais que abandonam seus filhos, pais que vão tentar a vida em outros países e assim o significado de família se torna mais amplo.

Porém a preocupação com os estudos ainda é assunto de grande importância, hoje a grande questão não é encontrar instituições que ofereçam ensino, elas existem distribuídas por esse vasto país, inclusive em pequenos municípios, o problema está na grande concorrência para conseguir uma vaga em uma boa instituição e ter oportunidades de trabalho em um mercado cada vez mais concorrido.

¹⁰Entrevista com Eliete Antônia da Silva, realizada no dia 06/06/2008.

É importante ressaltar que nas décadas de 70 e 80 de acordo com as entrevistas realizadas as migrações eram feitas em família, quase não houve migração de membros isolados, entre os entrevistados. Os pais sempre em busca de uma vida melhor resolvem migrar de um local ao outro, sempre acompanhados dos filhos em busca de uma vida melhor. Pedindo para falar um pouco sobre a família dona Maria Hilda (60 anos) que veio do município de Riverlândia (GO) no ano de 1970, atualmente aposentada, com um sorriso no rosto logo dispara:

Shirly: Então, você mudou porque sua família foi?

Maria Hilda: Foi.

Shirly: Fala um pouco da sua família.

Maria Hilda: Minha família é uma coisa maravilhosa, é três irmão, dois e minha mãe e meu pai, na época tinha meu pai ainda.¹¹

Dona Maria Hilda migra juntamente com sua família e nos relata a importância da família em sua vida e a importância de sua união, destacando que sua família é algo maravilhoso, algo de orgulho e isso me faz refletir mais uma vez, a grande importância de trabalhar com depoimentos, pois, *não há como negar a importância da fonte oral, a experiência de vida, a memória desses migrantes, ou seja, a fonte oral é material, material imprescindível.*¹²

Quando do momento da entrevista de dona Maria Hilda pude perceber a grande emoção em falar de sua família, às vezes, lhe faltando até mesmo as palavras e isso acontece em todas as entrevistas, pois não se trata apenas de um simples bate papo sobre o passado, mais uma volta a ele, um relembrar, um refletir sobre sua trajetória, sobre sua vida, sua família, no caso do trecho citado anteriormente dona Maria Hilda quando fala de sua família volta a um passado em que sua família era completa, tinha o pai ainda, hoje já não tem mais. Quando trabalhamos com história oral em um pequeno trecho podemos vislumbrar um número muito grande de opções a serem trabalhadas e destacadas.

Podemos destacar a importância e o significado da família, seu comportamento e costumes em vários momentos das entrevistas, confirmando assim a importância do uso da história oral. Vejamos dona Maria Joana, 43 anos, atualmente reside no município de Lagoa do Bauzinho (GO), comerciante, veio para Uberlândia no ano 1989, não se adaptou a cidade retornando no ano seguinte:

¹¹Entrevista com dona Maria Hilda de Souza, realizada no dia 04/06/2008.

¹²SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação, a construção de novos valores*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1995. Ver p.18.

Maria Joana: Na época eu era muito piquinininha mas eu lembro bem, a gente foi pra lá pro meu pai plantar lavoura na fazenda do meu tio, aí eu fui crescendo, aí tinha... entrou a idade da escola, eu ia pra escola junto com eu dois irmãos mais velho, só que a escola era uma légua de distância, uma légua é 6 Km. Era uma légua pra ir, uma légua pra ir, uma légua pra voltar, tinha que todo dia ia a pé pra essa escola. Aí nós levantava cedinho, ajudava meu pai na roça, aí 10:00hs nós ia pra essa escola eu era piquinininha mas meu pai chegava cansada. Aí nós levava vaziinha de almoço, pra cumer no caminho porque não dava tempo. Aí ... não ri não! Si é muito longe eu nem aprendia nada porque eu chegava lá eu durmia de cansada, aí nós saía dessa escola e chegava em casa dinoitinha mais era legal! Aí minha mãe cuidava do lar, eu mais meu pai, meus irmãos na roça.

Shirly: Fala sobre o trabalho da roça?

Maria Joana: Aí a gente capinava, eu puxava cavalo pro meu pai. Você nem sabe o que é isso (risos) puxar cavalo?

Shirly: (risos) Não eu não sei, o que era puxar o cavalo, pode explicar?

Maria Joana: Oh, agora tem prantadeira e tem o trator faz o serviço de arar né? E naquela época era o cavalo, aí meu pai ia na prantadeira é ... quando meu pai tava na prantadeira atrás a gente tinha que pegar no freio do cavalo e puxar pra ele não pisar nas plantas aí tinha que ficar o dia inteiro puxando (risos). É, aí também eu ajudava os meninos, meu irmão capinar, aí quando chegava na época das colheitas nós quebrava o milho, panhava algodão, tudo quanto é serviço de roça nós fazia.

Shirly: Isso você tinha que idade?

Maria Joana: Há uns sete anos que eu comecei, tinha só sete anos, só que fiquei trabalhando o tempo que morei lá na fazenda, trabalhei com meu pai toda a vida na roça.¹³

Neste trecho dona Maria Joana, podemos destacar dois pontos muito importantes, primeiro o que era ser criança neste momento, relatando sua infância com a família, os hábitos e o dia-a-dia de como era para uma criança de apenas sete anos. Levantava bem cedo e ajudava o pai na roça até as 10h00 e em seguida ia para a escola. Escola essa que por sua vez, ficava distante do local em que residia era uma légua de distância de acordo com seu depoimento isso representava seis quilômetros (6 km), todos os dias ela percorria doze quilômetros (12 km): seis quilômetros (6 km) na ida e seis quilômetros (6 km) na volta, já que nesse período as escolas eram em número bem inferior comparadas a atualidade.

Em segundo lugar ela nos relata a organização familiar para o trabalho onde as crianças tinham uma rotina, levantar cedo e ajudar o pai na lavoura, depois de irem para escola que era longe e não tinha condução, tinha que ir a pé mesmo e levar a refeição para ser feita no caminho porque o tempo era pouco e como dona Maria Joana nos relatou a produtividade na escola era pouca porque ela já chegava bem cansada e “não aprendia nada”. Nesse depoimento podemos também perceber que o trabalho na família de dona Maria Joana era todo realizado em família, ela mesmo diz que trabalhou com o pai e os irmãos na roça e desde pequena já tinha sua “enxadinha”, não havia empregados e o trabalho das crianças era fundamental para o sustento da família.

¹³Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008.

Havia uma disciplina na forma de se criar os filhos, como podemos perceber no trecho das entrevistas e em outros trechos que serão analisados no decorrer do texto, as crianças tinham horário para levantar e ir ajudar os pais no trabalho, cuidavam de suas tarefas e em seguida iriam para a escola, a mãe ficava em casa cuidando do lar. Hoje a família vai se modificando em sua estrutura como falamos anteriormente (ou seja, família não significa necessariamente pai, mãe e filhos, todos morando juntos na mesma casa), mas também em sua forma de criar os filhos, porque as crianças já não podem mais trabalhar desde pequenas. Segundo a lei nº 8.069 de 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ¹⁴, as crianças devem e tem o direito de freqüentar a escola. A educação se tornou prioridade em suas vidas, a família tem o dever de matricular seus filhos na escola e acompanhar o seu dia-a-dia e sua evolução, o estado e o município tem o dever de oferecer vagas para as crianças e jovens, preferencialmente nas escolas mais próximas de suas residências e aquelas crianças que residem ainda em áreas mais afastada o município deve oferecer o transporte.

Hoje as crianças não trabalham mais com seus pais, pois esses hoje residem na cidade que tem outra forma de organização, onde as relações de trabalho são totalmente diferentes, antes os pais trabalhavam para sua sobrevivência, plantava para se alimentar, a organização do trabalho era familiar com a produção voltada para a sobrevivência da família, a mãe tinha o papel de cuidar do lar e da família. O panorama hoje é outro, a criança e o adolescente têm a tarefa de se dedicar aos estudos, os filhos passam infelizmente pouco tempo com seus pais, já que esses saem cedo para trabalhar e só voltam à noite e geralmente muito cansados. As mães já não têm o papel de cuidar exclusivamente do lar.

Portanto, não foi somente a família que se modificou, antes elas estavam no campo e em pequenos municípios e com a urbanização e as industrializações, migram para as cidades de maior porte, assim vão se modificando os lugares, os costumes, as relações, enfim até as pessoas.

Ainda a respeito do depoimento de dona Maria Joana, outro elemento que pode ser destacado é a realização do trabalho da roça, a forma como ele era realizado, *capinar, puxar cavalo, quebrar milho, plantar algodão*¹⁵ são algumas das tarefas realizadas por ela e sua família, um serviço braçal, pesado, sem uso de máquinas e muito cansativo. Era um trabalho artesanal já que a família não tinha condições de investir na modernização da propriedade

¹⁴BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Livro I, Capítulo IV – Do Direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, Brasília, DF, 13 jun. 1990.

¹⁵Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008.

para aumentar a produção e por sua vez obter lucros. Plantavam o que era necessário para subsistência e o que sobrava era que servia para a troca.

Podemos perceber esses elementos em outro trecho da entrevista feita com o Sr. Georgino, 61 anos que veio do município de Rio Verde (GO) para a cidade de Uberlândia no ano de 1970, exerce a profissão de representante comercial:

José Georgino: Minha infância é uma infância comum, da roça. Morava na roça eu meus pais, minhas duas irmãs. Levantava de manhã, tinha que tratar dos porcos, arrumar o curral e depois saía pro mato fazer cerca de arame e plantava roça. Nós plantava arroz, milho e feijão, então nossa fonte de renda maior era essa. Plantava arroz, milho, feijão tirava o da despesa de passar um ano, o restante vendia e era essa a receita da família.

Shirly: E você trabalhava na lavoura, com seus pais?

José Georgino: Eu começava estudar às 7:00hs da manhã numa cidadezinha, numa currutela com o nome de Riverlândia (GO) e das 11:30hs às 12:00hs que eu chegava em casa ia pra roça. Trabalhava até às 18:00, 19:00hs.

Shirly: Como era o trabalho na roça?

José Georgino: O trabalho da roça um trabalho comum mesmo, como eu tava te falando, eu chegava tirava o uniforme da escola e ia pro... primeira coisa que ia fazer, arrumar os porco, tratar da porcada, ajeitar tudo a casa, depois ia pra roça. Na roça ... o trabalho é o seguinte: quando tava plantando era só plantar mesmo, depois vinha carpir, carpir arroz, depois carpir o milho, depois plantava feijão. O feijão era o seguinte: a gente fazia uma plantação consorciada, hoje eu sei esse nome consorciada, mas, na época a gente nem sabia esse nome. A gente plantava milho, quando o milho madurava a gente limpava ele, capinava ele todinho de novo e dobrava o milho porque já tava maduro aí você podia dobra ele, dobrar por quê? Porque a palha do milho tem de ficar de ponta pra baixo, porque quando chove se ela tiver de ponta pra cima entra água e vai apodrecer o milho, você virando a chuva pode bater que não entra na espiga, não vai danificar os grãos, por isso ele poderia ficar mais tempo na roça."¹⁶

Nessa passagem o Sr. José Georgino nos relata sua infância e a organização de sua vida. Vivia na roça com os pais e as duas irmãs. Seu dia começava cedo com o tratar dos porcos, estudava em um pequeno município com o nome de Riverlândia e ao chegar da aula, continuava com o trabalho da roça. Para ele ser criança nesse período significava ajudar os pais nas tarefas diárias e ir à escola.

O trabalho da roça de acordo com o Sr. José Georgino além de tratar da criação de porcos tinha o serviço de plantar e carpir, arroz, feijão, milho e outras culturas que eram cultivadas. Explica em detalhes como era feito o cultivo do milho, os cuidados que se deve ter com ele e outro detalhe importante que é revelado é que a família fazia a plantação dos alimentos, e, ao colher, ele *tirava o da despesa de passar um ano o restante vendia e era essa a receita da família*¹⁷, ou seja, feita a colheita da plantação grande parte era estocada para atender às necessidades da família, durante um certo período e o restante era vendido, era

¹⁶Entrevista com Sr. José Georgino, realizada no dia 08/06/2008.

¹⁷Entrevista com Sr. José Georgino, realizada no dia 08/06/2008.

esse o orçamento da família, sua fonte de renda. As famílias produziam para sua necessidade, a comercialização ficava em segundo plano.

Outra entrevistada que trabalhava desde junto com a família, foi dona Sônia, 48anos, vinda do município de Lagoa do Bauzinho (GO) para a cidade de Uberlândia no ano de 1980.

Sônia: Eu já tinha oito anos e já ia pra lavoura.

Shirly: E a escola, Sônia?

Sônia: A escola é... A gente ia pra escola de manhã aí chegava da escola ia almoçar e trabalhar¹⁸.

Como podemos perceber no trecho acima, trabalhar desde pequeno faz parte do processo de ser criar os filhos em décadas anteriores. Era um trabalho “pesado” por ser considerado braçal, debaixo de chuva ou sol, exigindo esforço físico no tratar a terra, plantar, colher, tratar os animais. Diante da enorme quantidade de trabalho, havia uma demanda por mão-de-obra, assim os filhos precisam ajudar seus pais desde pequenos nas tarefas da roça e também porque isso faz parte do processo de criação dos filhos, o filho acompanhando o pai para aprender o ofício do trabalho. Mesmo acompanhando os pais no trabalho da roça, os filhos também freqüentavam a escola.

Outro aspecto a ser abordado é que todos os entrevistados são de zonas rurais ou pequenos municípios do interior de Goiás, com comércio restrito, com sua economia voltada ao setor rural, com poucas oportunidades de trabalho e crescimento profissional. São geralmente municípios com população pequena, comércio com poucas opções, porém o Estado de Goiás já vinha sofrendo transformações em sua economia, sua forma de produção e relações de trabalho vão transformando esse estado, gerando um crescimento agrícola, as relações de trabalho e também sociais, sendo um dos vários motivos que gera a migração de centenas de pessoas.

As transformações nesse estado podem ser percebidas a partir da década de 60, com políticas governamentais voltadas para o crescimento agrícola do Planalto Central, principalmente nas áreas do cerrado, região onde residiam os entrevistados, tinham como objetivo a produção em grande escala para exportação, a fim de equilibrar a balança comercial brasileira e paralelamente atender a dinâmica e as necessidades de mobilidade do capital nacional associado ao capital transnacional. Ou seja, o cerrado goiano é ideal para a implantação dessas políticas governamentais que visa uma agricultura comercial – oposta à agricultura praticada pelas famílias dos entrevistados – por diversos fatores: a presença dos

¹⁸Entrevista com dona Sônia Martins de Oliveira, realizada no dia 25/05/2008.

chapadões com topografia plana; a grande disponibilidade de terras, latifúndios improdutivos e também de terras devolutas; a disponibilidade de água para projetos de irrigação; e principalmente as políticas creditícias e fiscais subsidiadas pelo Estado Brasileiro, além da construção da infra-estrutura necessária aos novos empreendimentos empresariais.¹⁹

Somam-se a esses fatores o próprio movimento do capital que demandava áreas para promover investimentos, como exemplo a indústria de insumos, de fertilizantes, de maquinários que necessitavam de mercado.

A adoção das inovações ocasionou mudanças nas relações sociais de produção e de trabalho, alternando as paisagens regionais, agora altamente tecnificadas e integradas ao progresso, sendo consideradas celeiros agrícolas do país. Esse avanço apoiava-se no receituário tecnológico da revolução verde. A região Centro- Oeste – onde se localiza o Estado de Goiás – foi o alvo central dos programas de ocupação econômica do cerrado como o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento do Cerrado), e o PRODECER (Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado). A abertura da fronteira agrícola se dá efetivamente nos anos 70, com a introdução do cultivo do arroz e logo depois da soja – utilizada como a propulsora da fronteira agrícola. Na pecuária ocorre o plantio de pastagens com o cultivo de forrageiras aumentando a produção e a produtividade do rebanho por hectare.

A partir da introdução da agricultura agroexportadora inicia-se um processo de alteração no uso e na ocupação dos solos no Centro-Oeste, com a implantação das técnicas modernas no cultivo de grãos e na criação de gado. As tradicionais áreas de cerrado, com os extensos chapadões com topografia plana até então pouco utilizados passam a ser intensamente aproveitadas, mediante a disponibilidade de capitais através dos programas governamentais de recursos técnicos – máquinas –, de tecnologia – desenvolvimento de pesquisas científicas –, e do apoio na construção de infra-estrutura pelo Estado brasileiro, como forma de viabilizar os interesses do capital privado nacional e internacional.

A primeira região do Estado de Goiás a sofrer este processo foi o Sudoeste Goiano – onde se localiza os municípios onde antes residiam os entrevistados –, que apresentava condições locais favoráveis, tais como: proximidade geográfica com os mercados do Centro-Sul; tradição na atividade agropecuária com a presença dos latifúndios e de uma elite agrária voltada para a absorção das inovações; pouco adensamento populacional no campo, o

¹⁹ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo . O sentido da reforma agrária no Brasil dos anos 90. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, v. 18, p. 89-107, 1996. Ver p.97.

que facilitou o processo de incorporação das terras, quase sem resistência por partes dos pequenos médios produtores rurais; etc.

Esses fatores associados às políticas creditícias e fiscais do Governo Federal para a ocupação racional das áreas de cerrado e a construção da infra-estrutura necessária, fez dessa região o “portal” de entrada da modernização da agropecuária em Goiás e com certeza para grande parte do Centro-Norte Brasileiro.

Já a modernização da agricultura é entendida como a adoção de novas técnicas e tecnologias no processo produtivo propiciando significativas alterações na estrutura fundiária. No Brasil e particularmente em Goiás, houve um reforço da concentração de terras, mediante a expulsão forçada de milhares de famílias de pequenos produtores rurais que seguiram em direção às cidades, sendo que, os territórios que foram deixados foram apropriados pelos grandes empresários rurais – novos ricos – que passaram a reordenar o espaço econômico e político da região, intensificando as desigualdades sociais.

Diante das entrevistas realizadas para esta pesquisa, ao relatar o porquê da migração, os entrevistados apontam elementos que nos fazem entender o panorama econômico que o Estado de Goiás apresenta naquele momento, as dificuldades em se manter neste estado tais como: arrendamento caro, pouca produção, falta de recursos para investir na lavoura, contavam apenas com a mão-de-obra familiar. São elementos que aparecem durante a entrevista que nos faz entender as transformações econômicas citadas anteriormente no Centro-Oeste, principalmente no Estado de Goiás.

De acordo com a Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales – as transformações que ocorreram na economia do Estado de Goiás que intensificaram as desigualdades sociais podem ser destacadas por duas dimensões, a dimensão social e a dimensão ambiental acerca dos impactos provocados pela modernização na agricultura.

A primeira, a dimensão social, mediante a desterração ou expulsão de milhares de famílias de pequenos produtores que atualmente vivem precariamente nas áreas de fronteira ou nos centros urbanos, nesse caso, atendendo as demandas colocadas pelo mercado que exige mão-de-obra não qualificada, e, portanto apropria-se do trabalho desses sujeitos – construção civil, vigilância, serviços domésticos, etc. – mantendo-os como um exército de trabalhadores intensamente precarizados.

O consorciamento entre as atividades urbanas e o trabalho temporário (bóia-fria), atendendo as demandas colocadas por alguns cultivos modernos – algodão, cana, feijão, etc –, que necessitam de trabalhadores no plantio e colheita, expressam o novo conteúdo da relação

campo-cidade e também viabilizou a manutenção das elites agrárias modernas no poder, que incentivaram as migrações campo-cidade, facilitando o modelo agroexportador adotado e consequentemente aliviando as tensões sociais no campo, assegurando mão-de-obra barata para o empresariado urbano e rural. No centro da questão está na desterritorialização do trabalho respondendo às necessidades de acumulação do capital, que historicamente promoveu a migração forçada dos trabalhadores (pequenos produtores rurais) resultando no esvaziamento das áreas rurais e a urbanização das cidades.

A segunda, a dimensão ambiental, ainda não se tem clareza da envergadura dos impactos ambientais provocados pela modernização.²⁰ Thomaz Júnior nos aponta o diagnóstico da FAO/INCRA onde o Centro-Oeste apresenta 43% dos estabelecimentos com produção familiar, enquanto que a média brasileira é de 75%. Isso demonstra que a presença da agricultura familiar no Centro-Oeste é significativamente menor que no restante do país, evidenciando a hegemonia do modelo empresarial agroexportador que se baseia em médias e grandes explorações.

Quanto à área, os estabelecimentos rurais familiares ocupam 22% no país e apenas 5% na região Centro-Oeste, evidenciando o processo de exclusão a que foram submetidas os trabalhadores rurais, após a modernização da agricultura, que reforçou a histórica e desigual distribuição da terra e da renda em todo país e com acentuada presença no Centro-Oeste²¹. A tecnificação promoveu a migração forçada de milhares de famílias que viviam do trabalho na terra para os centros urbanos. Os impactos sobre as populações tradicionais que viviam do trabalho na terra foram intensos, uma vez que, as perderam o meio de produção (os proprietários de terra) e a possibilidade de acesso a terra (arrendatários, agregados, etc.), que sofreram maiores consequências, na medida em que, foram privados dos meios essenciais para a sobrevivência, amontoando-se na periferia das cidades, sem qualquer alternativa de trabalho, que não fosse o trabalho temporário do bóia-fria em algumas épocas do ano ou trabalhos domésticos e braçais na cidade.

Com a modernização ocorreu uma diminuição significativa da oferta de trabalho no campo na região Centro-Oeste e principalmente no Estado de Goiás. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) entre 1985 e 1996 houve uma redução de 20% dos trabalhadores rurais no Centro-Oeste. Em 1985, existiam cerca 1,5 milhões de

²⁰SCRIPTA NOVA. *Revista Eletrônica de Geografia Y Ciencias sociales*, Universidade de Barcelona, ago. 2002. Vol. 6, n. 119 (31). Disponível em: < <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-72.htm> > Acesso em: 08 maio. 2009.

²¹THOMAZ JR, Antônio. *Por uma geografia do trabalho*; reflexões preliminares. Presidente Prudente, São Paulo, 2002.

trabalhadores no campo, e em 1996, os trabalhadores rurais somavam aproximadamente 1,2 milhões de trabalhadores. Em Goiás, em 1985, os trabalhadores rurais somavam 616.000. Uma década depois (1996) existiam cerca de 472.000 trabalhadores rurais, ocorrendo uma redução de aproximadamente 23%, expressando as mudanças no trabalho após a adoção das inovações técnicas.

Todos esses dados e informações citados até aqui servem para constatar as transformações na economia e nas relações de trabalho que aconteceram no Estado de Goiás a partir da década de 60, transformações estas que certa maneira acarretaram dificuldades para permanência das famílias dos entrevistados neste Estado. Os entrevistados não afirmaram que foram estas transformações que os fizeram decidir a migrar para a cidade de Uberlândia (MG), porém deixaram indícios que apontam para esses dados que serão analisados no decorrer desta pesquisa, mas especificamente no segundo capítulo.

A partir de agora, apontaremos a origem dos entrevistados, mas precisamente a localização dos municípios que residiam no Estado de Goiás, assim como características de cada um deles.

Foram entrevistadas pessoas de origem de Itumbiara (GO) que se localiza ao extremo sul de Goiás, possui uma superfície de 2.464,6 km². Segundo o Recenseamento Geral/2000, apresentou uma taxa de crescimento de 3,04% de 01/05/96 a 01/08/00. O contingente populacional de 81.259 habitantes registrados em 01/08/00 esse total dividia-se em 76.951 habitantes na área urbana e 4.308 na área rural. Quanto a sua economia, o município tem na agricultura a sua principal fonte de recursos, apesar de aos poucos esta característica esta perdendo espaço para a indústria. Itumbiara destaca-se no contexto estadual, como um dos municípios centro pólo agroindustrial, no tange a industrialização destacamos: produtos derivados do milho, da soja, do algodão e do leite.²²

Santa Helena de Goiás (GO) é outro município que forneceu migrantes para Uberlândia, possui uma área territorial de 1.128 km² e sua população estimada em 2007 era de 35.027 habitantes de acordo com IBGE. A cidade tem como principais indústrias a Parmalat e uma usina de álcool e açúcar. O município faz divisas com os municípios de Rio Verde, Acreúna e Maurilândia estando situado no sudoeste do estado a duzentos quilômetros (200 km) de Goiânia. Santa Helena de Goiás já foi considerada a capital nacional do algodão, sendo que o maior contribuinte para este título foi o produtor Paulo Lopes (*in memória*), que foi considerado o Rei do algodão nas décadas de 60, 70 e 80.

²²CIDADES. IBGE; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 08 maio. 2009.

De acordo com dados obtidos pelo IBGE as principais lavouras permanentes neste município em 2007 foram de abacate, algodão, banana, maracujá, soja entre outras culturas. Possui também uma pecuária intensiva com grande número de rebanhos bovinos e considerável crescimento do rebanho suíno e de aves. Em 2007 possuía três unidades de Indústrias extrativas e setenta e quatro (74) unidades de Indústrias de transformação.²³

Rio Verde (GO) que também forneceu migrantes para Uberlândia no período abordado pela pesquisa tem sua população em 2007 era de 149.382 habitantes, segundo o IBGE, localizado no sudoeste de Goiás com uma área de 8.388.295 Km². No recente crescimento do agronegócio brasileiro, a cidade de Rio Verde tem se destacado, por contar de uma importante cooperativa agrícola e com importantes unidades industriais que agregaram valor à sua produção agrícola.

Os dados das principais lavouras permanentes deste município que constam no IBGE são de 2007, dando destaque para os principais produtos: abacate, algodão, soja, manga, arroz, mamão, entre outros. Possui um grande número de rebanhos bovinos, suínos e aves. De acordo com as informações do IBGE em 2007 contava com 11 unidades de Indústrias extrativas e 381 unidades de Indústrias de transformação.²⁴

Considerando que esses dados são recentes e que cada município se modificou muito depois da migração dos entrevistados, porém ainda tem traços da economia rural e a industrialização veio a partir desse tipo de economia.

Outro importante município que também forneceu migrantes de acordo com as entrevistas realizadas foi Riverlândia (GO), esse município não é emancipado é distrito de Rio Verde e por ser um distrito “pequeno” não é possível encontrar dados no IBGE sendo possível destacar algumas características a partir dos dados fornecidos na entrevista feita com dona Maria Hilda que nos relata que *Riverlândia na época muito pequeno só tinha uma pensão, um posto de gasolina, um loja de tecido e uma farmácia, o comércio se resumia a esses estabelecimentos. O sustento da família vinha do trabalho na roça.*²⁵

Lagoa do Bauzinho (GO) que também é distrito de Rio Verde não é possível encontrar dados estatísticos do IBGE, de acordo com dona Maria Joana o distrito na época contava com aproximadamente 1.500 habitantes, o comércio se resume há alguns mercadinhos, com sua economia voltada pra a lavoura de algodão, soja e mais recentemente para a cultura de melancia, sendo a única fonte de emprego do distrito no período abordado pela pesquisa.

²³Ibid.

²⁴Ibid.

²⁵Entrevista com dona Maria Hilda de Souza, realizada no dia 04/06/2008

Atualmente Lagoa do Bauzinho conta com a implantação de algumas granjas, gerando assim, outras alternativas de trabalho.²⁶

Diante dessas informações sobre os municípios de Goiás só vem a confirmar que esses municípios são pequenos comparados ao município de Uberlândia (MG), alguns apresentando crescimento nas últimas décadas. Esses municípios situam-se no sudoeste do estado de Goiás, geralmente são próximos uns dos outros, a pesquisadora já teve a oportunidade de conhecer todos pessoalmente, podendo confirmar as informações que se encontram nesta pesquisa, também tendo a oportunidade de ir com certa frequência há alguns desses municípios podendo de certa forma acompanhar o crescimento de alguns e a estagnação de outros.

No caso de Rio Verde (GO) nos últimos anos o crescimento do agronegócio tem elevado o crescimento dessa cidade, tendo sido destaque de uma matéria no programa Globo Repórter (Rede Globo) apresentado em 6 de Fevereiro de 2004, onde foi divulgado que Rio Verde era uma máquina de oportunidades. Com crescimento econômico com uma propaganda atrativa para a migração para esse município, onde de acordo com a matéria apresentada havia a oferta de empregos para pessoas qualificadas para diversos cargos, ou seja, faltava mão-de-obra qualificada para várias funções.

Santa Helena de Goiás (GO) apesar de ter tido um pequeno crescimento, ainda é um município pequeno com sua economia voltada para as lavouras, necessitando de mão-de-obra dos trabalhadores bóias-frias, nessa região são grandes as plantações de cana-de-açúcar, soja e melancia.

Itumbiara (GO) é o município mais próximo a Uberlândia, que também tem se desenvolvido bastante, com um comércio bem variado e vem se industrializando nos últimos anos.

Já Riverlândia (GO) como pude constatar pessoalmente em algumas visitas ao município tem se mantido com uma população que já está lá a muitos anos, porque os jovens já migraram para outros municípios. O comércio continua tão restrito como antes, não há nem o posto de combustível, para abastecer é necessário ir ao posto do município mais próximo que seria Lagoa do Bauzinho.

Lagoa do Bauzinho (GO) por sua vez, deve ter uma população de aproximadamente 2.000 habitantes, visitei este município com certa frequência por ter parentes que ainda residem lá. O comércio continua pacato, tem apenas uma escola de ensino fundamental e

²⁶ Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008

médio, a economia gira em torno das lavouras que estão ao redor do município, dando destaque a produção de melancia que já está entre uma das maiores do país (o município já realiza a festa nacional da melancia no mês de setembro), a principal oferta de trabalho continua sendo nas lavouras.

Outro aspecto importante nas narrativas dos migrantes, é que esses municípios no período abordado pela pesquisa tinham seus espaços de lazer nos recursos naturais da região e nas brincadeiras de crianças, não havia outras opções como podemos vislumbrar na atualidade como shoppings, shows, restaurantes, cinemas, teatros e tantas outras. Como são migrantes originários de municípios pequenos e zona rural e pessoas de pouco recursos financeiros, esses migrantes têm suas opções de lazer restritas aos recursos naturais de cada região, o que pode ser percebido no depoimento de Eliete:

Lazer [risos]. O lazer eu brincava de casinha com as meninas e tudo, as minhas irmãs jogava bola na rua. Eu toda vida fui medrosa, tinha medo da bola, corria, vivia suja, caía. Há eu lembro direitinho quando fui passar a rede esgoto da rua, o brinquedo da meninada era entrar dentro do buraco [risos]. A tarde quando os funcionários saía a gente entrava dentro daquele túnel que a prefeitura cavava, ficava só os olhos de fora, uma sujeira. Tinha uma venda, meu pai, como ele ficava mais na fazenda do que na cidade, meu pai deixava conta, a coisa melhor do mundo era aquela conta naquela venda, porque todo dia eu comia doce, todo dia [risos].²⁷

O depoimento de Eliete nos revela a simplicidade com as brincadeiras quando criança que ela denominava como lazer, brincar com outras crianças na rede de esgoto em construção era algo que gerava prazer entre a meninada. Por ser de uma família simples não havia brinquedos sofisticados e as cidades de menor porte não ofereciam lugares atrativos como na atualidade, dessa forma as brincadeiras de criança era se divertirem com o que encontravam pela frente, no caso de Eliete que nos relata com grande divertimento o lazer era brincar de “entrar dentro do buraco”. Ela também destaca que o pai possuía uma conta (crédito) na venda, sendo essa conta motivo de grande felicidade para ela, porque ela “todo dia comia doce”.

Os recursos naturais era outra fonte de lazer como nos relata dona Sônia:

O lazer na cidade de Santa Helena pro pessoal pobre é rios e cachoeiras e o pessoal da sociedade tem um clube na cidade.²⁸

Dona Sônia neste trecho de sua entrevista nos aponta a sociedade dividida em duas classes: pobres e ricos. O lazer para os pobres se restringia aos recursos naturais da região, os

²⁷Entrevista com Eliete Antônia da Silva, realizada no dia 06/06/2008.

²⁸Entrevista com dona Sônia Martins de Oliveira, realizada no dia 25/05/2008.

rios e cachoeiras, para os ricos havia um clube na cidade. Ou seja, os pobres se divertem nos rios e cachoeiras que são recursos disponíveis para todos sem nenhum custo e o clube para aqueles que possuem uma situação financeira melhor, já eu estes são pagos, precisa ser associado e paga a manutenção mensal.

No depoimento de dona Maria Hilda observa-se também o uso de recursos naturais e brincadeiras como fonte de lazer:

O lazer lá era uma maravilha (risos), tinha cachoeira muito boa lá, a gente ia pra essa cachoeira no final de semana, ia ... é fazia os piquiniques, era o lazer que a gente tinha, um campim de futebol que a gente ia assistir os jogos, era isso aí.²⁹

Dona Maria Hilda nos relata seus momentos de lazer e diversão com grande entusiasmo e sorrisos, para ela o momento de lazer era de extrema diversão, havia a cachoeira que é um recurso natural bastante explorado nos momentos de lazer de acordo com as entrevistas e o “campim de futebol” que era o local onde as pessoas se reuniam para assistir aos jogos. Todos os recursos usufruídos por dona Maria Hilda são recursos disponíveis para a população e que não tem custos, sendo acessíveis a todos.

Para dona Maria Joana do município de Lagoa do Bauzinho o lazer também significava o uso dos recursos naturais e brincadeiras:

(...) lazer lá é pescar, brincar de bola com a mulecada na rua, era muito moleque que fazia isso e continua sendo assim até hoje pro jovens e algum baile, alguma coisa assim, só tinha isso futebol, essas coisas.³⁰

Neste trecho da entrevista de dona Maria Joana podemos perceber um aspecto interessante que não encontramos nos relatos anteriores, onde o lazer não se restringia apenas crianças, os jovens também tinham seu espaço de lazer que eram bailes e no relato acima também se pode observar que o lazer não se modificou, porque ela diz que continua sendo assim até hoje, já que a entrevistada voltou a residir no estado de Goiás³¹. Como o município de Lagoa do Bauzinho é bem pequeno o lazer para seus moradores também se restringe ao uso dos recursos naturais como pescar, brincar de bola na rua e freqüentar bailes, algo comum em municípios de pequeno porte.

²⁹Entrevista com dona Maria Hilda de Souza, realizada no dia 04/06/2008.

³⁰Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008.

³¹Maria Joana migrou para Uberlândia no ano de 1989 e permaneceu na cidade apenas por um ano e migrou pra o município de Lagoa do Bauzinho no Estado de Goiás, no qual residia anteriormente por não ter se adaptado a uma cidade grande.

Mas o lazer não era igual para todos, no depoimento do Sr. Carlos (51 anos), não havia vestígios de lazer ele nos relata que *tinha uma vida bastante tranqüila, rotineira, era da escola pra casa, aos domingos ia à missa com meus pais*³². Pelo relato não se percebe um espaço para o lazer, para ele a vida era sempre igual (rotineira) escola-casa, ou seja, o lazer era apenas estudar e pela primeira vez em todas as entrevistas aparece um traço de religiosidade, a família freqüentava a missa aos domingos, isso significava o passeio familiar da semana, típico de cidade pequena: freqüentar a igreja que normalmente fica em uma praça, onde depois da missa as pessoas se reúnem para conversar.

Para outro entrevistado o Sr. Maurício (62 anos), *na época não tinha muito lazer não, porque era na fazenda, né. Então... era só trabalhar mesmo*.³³ O lazer para o Sr. Maurício não existia, para ele a vida na fazenda consistia apenas no trabalho, não restava tempo para o lazer, apenas trabalhava. Para ele a fazenda não consistia num espaço para o lazer nem nas horas de folga, associava o lugar apenas para o trabalho.

Diante dos relatos dos entrevistados no que se refere a prática do lazer, observa-se que o uso dos recursos naturais: tomar banho em rios, cachoeiras, pescar são práticas que prevalecem e as brincadeiras de crianças que não contavam com brinquedos e sim com o uso da imaginação, porque na época de sua infâncias os recursos eram poucos e os brinquedos não eram tão populares como na atualidade e o acesso a eles eram difíceis, pois nenhum entrevistado mencionou o uso de algum brinquedo que tivesse tido. Quando eram perguntados sobre o lazer associavam na maioria das vezes ao uso de recursos naturais. Havia outras diversões como os piqueniques, os jogos no campo de futebol que provavelmente os meninos jogavam e as meninas assistiam e como foi citado os bailes para os jovens e ir a missa no final de semana. Todas essas atividades foram associadas pelos entrevistados como prática de lazer.

Outro importante aspecto a ser abordado da vida dos entrevistados é que mesmo freqüentando a escola com várias dificuldades devido ao acesso, ao tempo dividido entre os estudos e o trabalho e o cansaço, eles não conseguiram ter grandes avanços nos estudos, tendo pouco grau de instrução, os motivos para a pouca escolaridade são variados, mas a opção pelo trabalho é a que prevalece, já que é necessário manter o sustento da família.

Acerca da pouca escolaridade que tinha dona Sônia nos relata que :

³²Entrevista com Sr. Carlos Antônio Aires, realizada no dia 19/06/2008.

³³Entrevista com Sr. Maurício Ribeiro de Sousa, realizada no dia 04/06/2008.

(...) tinha que trabalhar e antigamente os pais não incentivavam os filhos a estudar. Então a gente trabalhava na lavoura, que é serviço pesado e a noite não tinha coragem de estudar.³⁴

O depoimento de dona Sônia nos aponta elementos que mencionamos anteriormente que o trabalho desde de pequena dentro da família, serviço pesado que exige grande esforço físico e que apresenta necessidade de tempo para descanso e o horário que resta seria no período da noite, como viviam na luta do trabalho diário, a noite lhe faltava coragem pra freqüentar a escola, que nesse período não era de acesso facilitado como na atualidade. Outro elemento também é apontado no trecho da entrevista de dona Sônia que é falta de incentivos dos pais que nesse momento querem que os filhos ajudem na mão-de-obra para o melhor sustento da família, o trabalho se fazia mais importante do que os estudos.

Com o Sr. Maurício acontece o mesmo de dona Sônia, ele tem que para de estudar para poder trabalhar:

Shirly: E a escola, você freqüentava a escola?

Maurício: Freqüentei a escola até o quarto ano.

Shirly: Do primeiro grau?

Maurício: Do primeiro grau.

Shirly: Por que você parou de estudar?

Maurício: Situação financeira. Tinha que trabalhar.³⁵

Sr. Maurício freqüentou a escola até o quarto ano do primeiro grau (hoje ensino fundamental) estou muito pouco e teve que parar para poder trabalhar, já que a situação financeira não permitia que o entrevistado pudesse parar de trabalhar e se dedicar aos estudos. Percebe-se que os entrevistados freqüentavam as escolas por um período curto de tempo, apenas para aprender a ler e escrever, saber um pouco de matemática e depois de certo tempo, abandonam os estudos, porque na medida que vão crescendo o trabalho vai aumentando e a necessidade de trabalhar prevalece, pois são pessoas de origem humilde e que precisam trabalhar para manter seu sustento.

Outra entrevistada que também teve que abandonar os estudos por causa do trabalho foi Maria Joana que nos relata que:

eu estudei pouco, a gente chegava do trabalho muito cansada, aí eu estudei só até a quarta série, estudei muito pouco.³⁶

³⁴Entrevista com dona Sônia Martins de Oliveira, realizada no dia 25/05/2008.

³⁵Entrevista com Sr. Maurício Ribeiro de Sousa, realizada no dia 04/06/2008.

³⁶Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008.

Ela mesma confirma que estudou muito pouco (somente até o quarto ano do ensino fundamental), porque quando ainda muito criança estudava a tarde só que a escola era muito distante, chegava cansada e dormia durante o período da aula e acabava não aprendendo nada e quando um pouco maior passou a estudar noite só que trabalhava durante o dia e quando chegava a noite não tinha coragem de ir para a escola devido o cansaço.

Nota-se que todos os entrevistados citados e outros como dona Maria Hilda que estudou somente até a oitava série, abandonaram os estudos muito cedo, não tinham alternativas para poderem continuar seus estudos, primeiramente trabalhavam em um serviço pesado que exigia grande esforço físico e tinham que continuar trabalhando para ajudar no sustento da família e por outro lado, as escolas em geral eram muito distantes o que dificultava a frequência das crianças e os municípios menores só tinham até a oitava série o que tornava ainda mais difícil dar continuidade aos estudos.

Mas houve outros entrevistados, mesmo sendo minoria, que conseguiram avançar um pouco mais nos estudos, que é o caso do Sr. José Georgino:

No Goiás eu tive o privilégio e a sorte de morar numa região que tinha colégio. Até essa história se você quiser, eu posso te contar ela. Na época a gente, os agricultor acreditava que o cerrado daquela região não produzia. A gente só plantava nas terras de cultura, terra de mato, tinha que ser mato cerrado a gente acreditava que não produzia e realmente com a tecnologia que a gente tinha, se plantasse não produzia mesmo. Mas logo veio a ... a pequena tecnologia que o cerrado veio produzir, só que a gente não acreditava, aí o governo do estado de Goiás ele comprou uma fazenda grande na região e denominou a gente chamava de Posto Agrícola. Posto Agrícola tinha tecnologia de fazer o cerrado produzir o que, que eles fazia? Eles desmatava uns 10 hectares pra gente, ele arrumava terra, arrumar que eu falo assim: ele deixava a terra no ponto de plantar, gradiada, prontinha no jeito de plantar e dava semente e a gente plantava. Por que ele fazia isso? Pra gente acreditar que o cerrado ia produzir e foi assim que começou a desenvolver a região o cerrado de Goiás. Então, em troca disso fez lá muito benefício pra nossa região, colocou escola do primário ao ginásio, lá a gente fazia o que você chama de colegial tinha lá, eu fui um privilegiado, por que? Porque morava na região pertinho do Posto Agrícola.³⁷

O depoimento do Sr. José Georgino nos apresenta aspectos já mencionados neste capítulo como o fato do que ele denominava de “Posto Agrícola” ser fruto das políticas governamentais do governo do Estado de Goiás voltadas par o crescimento agrícola nas áreas de cerrado, em troca da implantação de tecnologias para o desenvolvimento dessas regiões o governo oferecia alguns benefícios para a sociedade. Seu José Georgino como ele mesmo diz foi um beneficiado com a implantação dessas políticas, pois morava perto da região onde foi implantado um “Posto Agrícola” para o desenvolvimento agrícola do cerrado e com ele veio junto um colégio nessa região, como ele morava perto teve o privilégio de estudar até a oitava

³⁷Entrevista com Sr. José Georgino, realizada no dia 08/06/2008.

série, o que para ele foi um grande avanço. Durante sua entrevista ele mencionou muito orgulhoso o fato de ter um colégio próximo, isso só faz afirmar que as escolas nesse período eram muito distante, e que se levava muito tempo no trajeto, diferentemente de hoje que os municípios quando não são mais capazes de oferecer estudos mais avançados para a população tem que oferecer meio de transporte para a população freqüentarem escolas, universidades e outras instituições de ensino em localidades mais próximas.

Outros entrevistados como Eliete e o Sr. Carlos conseguiram ingressar no ensino superior mais só depois de terem migrado para Uberlândia, essa experiência será tratada no próximo capítulo, onde será abordado as experiências dos migrantes aqui na cidade de Uberlândia.

O que podemos destacar neste capítulo é que a imposição da racionalidade técnica e científica na agricultura brasileira, especificamente no Estado de Goiás, transformou as paisagens rurais do Planalto Central Brasileiro em grandes lavouras tecnificadas. Essa “nova” dinâmica territorial provocou profundas mudanças nas relações sociais de trabalho no espaço rural, destacando-se a desqualificação, a sub-proletarização e outras formas precarizadas, e o desemprego, redefinindo a subordinação dos trabalhadores a nova dinâmica de produção. O capital agroindustrial-financeiro internacionalizado incorporou diversos espaços rurais à economia mundial, mediante a monocultura para exportação, a instalação de agroindústrias, além da expulsão de milhares de famílias, que atualmente aglomeram-se muitas das vezes precariamente nos centros urbanos.

Diante de tantas mudanças que ocorreram no Estado de Goiás e a partir das entrevistas realizadas procurei entender cada entrevistado em seu contexto, o lugar de sua fala, considerando sua história de vida. E através das entrevistas, do uso da memória e das narrativas dos entrevistados, pude vislumbrar seu modo de vida, no período abordado pela pesquisa, que no geral são pessoas ainda jovens que relembram sua infância sempre dura já que são pessoas pobres com poucos recursos e que vê na ajuda dos filhos a única forma de poderem tirar o sustento da família, lidam com o trabalho na lavoura, que é um trabalho que exige grande esforço, serviço pesado que exige mão-de-obra e isso se dá através da família que esta sempre unida. Tem uma infância pobre com poucas opções de lazer e entretenimento, pouco grau de instrução, sem mencionar as mudanças na agricultura já discutidas antes.

Apesar de todas as dificuldades apontadas pelos entrevistados vividas no Estado de Goiás, a vida ainda era considerada muito boa para eles, porém, o desejo de melhorar, a esperança de que os filhos possam ter mais sucesso e que as oportunidades possam fluir na

vida deles, levam essas famílias a migrarem em busca de seus sonhos, sejam eles quais forem e a cidade de Uberlândia é escolhida para se recomeçar a vida, ou reconstruí-la, ou prosseguí-la, ou ao menos tentar amenizar as dificuldades vividas antes. O desejo de melhora é que motiva o ser humano em cada passo dado, em cada decisão tomada e somente a experiência é que pode nos proporcionar algum resultado.

Capítulo 2

Vivendo a cidade

*A migração pode ser genericamente definida como uma mudança permanente ou semi-permanente de residência. Do ponto de vista sociológico, a migração pode ser entendida como a mudança geográfica e social do indivíduo; migrante é todo indivíduo que abandona um sistema social onde a rede de interação grupal lhe é familiar e vai para outro onde ela lhe é imediatamente estranha.*³⁸

Os migrantes entrevistados para esta pesquisa são perfeitamente enquadrados na citação acima, são pessoas que saíram de um local (Estado de Goiás) onde residiam juntamente com sua família por um período extenso de tempo, em direção a outra localidade (município de Uberlândia) que não tinha nenhum contato (alguns chefes de família conheciam a cidade a passeio e outros apenas ouviram falar).

A migração representa o deslocamento de pessoas de um espaço onde se tem raízes, para outro espaço estranho sempre em busca de alcançar novos objetivos e isso será abordado neste capítulo a conquista desse novo espaço, as mudanças sociais, econômicas, afetivas e tantas outras que motivam o ser humano nesta caminhada, sobretudo trabalharão a relação dos indivíduos com a cidade de Uberlândia que exerce um forte poder de atração e onde novas raízes foram formadas.

São inúmeros os fatores que levam as pessoas a migrarem para outra região, claro que não discutiremos todos, mas trataremos de alguns aspectos apontados pelos entrevistados e aspectos apontados em pesquisas sobre o tema em questão. No primeiro capítulo trabalhamos a vida dos entrevistados desde a sua infância até o momento de sua decisão de migrar para podermos compreender melhor os motivos que levam essas pessoas e tantas outras a tomarem a decisão de migrar. O que leva essas pessoas a tomarem a decisão de deslocar para outra região que em muitas vezes apenas ouviu falar, e uma vez feita a migração como essas pessoas enfrentaram as mudanças que vieram a acontecer em suas vidas.

De acordo com o IPEA (Instituto de Planejamento Econômico e Social) apesar de reconhecida a importância das migrações internas no Brasil, os estudos e análises ainda são relativamente modestos em decorrência da escassez de informações estatísticas. Grande parte

³⁸ COSTA. M. A. (ed.). *Migrações Internas no Brasil* – IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1971. Ver p.59.

dos trabalhos efetuados no País ou tem caráter essencialmente descritivo ou se limitam a área bem definidas e específicas.

Outro dado que o IPEA nos traz e que vale salientar é que: *em 1970, mais de 30 milhões de brasileiros residiam em municípios diferentes dos de nascimento. Em outras palavras, um em cada três brasileiros já realizou durante sua vida pelo menos um movimento migratório no País.*³⁹ Diante dessa informação podemos compreender a dimensão da migração no país, ou seja, o fluxo migratório foi muito intenso no ano de 1970, faz parte da vida do brasileiro migrar para outras regiões e formar novas raízes. Isso fez parte da vida de dona Sônia que uma década depois migrou para Uberlândia na tentativa de conseguir recursos para aquisição de uma casa no Estado de Goiás a acabou formando raízes.

Shirly: Em 1980 para onde você mudou, Sônia?

Sônia: Eu mudei para Uberlândia.

Shirly: E porque você veio para Uberlândia?

*Sônia: Porque, já era casada, tinha uma filha e meu marido não gostava do serviço da lavoura e só existia esse serviço nesse posto de gasolina e o que ganhava já não dava mais pra tratar da filha e pagar aluguel, então resolvemos e falamos: "Vamos pra Uberlândia ficar uns três anos lá e a gente conseguir comprar uma casinha a gente volta". Então viemos pensando assim.*⁴⁰

O depoimento de dona Sônia oferece elementos importantes para entendermos o motivo que levou sua família, esposo e sua filha recém-nascida, a migrarem para a cidade de Uberlândia. O fator determinante para a migração de sua família foi o aspecto econômico, nesse caso dona Sônia nos relata as poucas opções de trabalho que existiam na região em que residia (Lagoa do Bauzinho – GO) além do trabalho na lavoura a única outra opção era o posto de combustível, porém o salário era pouco para criar a filha e pagar aluguel sendo necessário partir em busca de uma vida melhor.

Diante das dificuldades financeiras que estavam enfrentando, dona Sônia e seu marido juntamente com sua filha tomam a decisão de migrar para uma cidade de maior porte (Uberlândia), porém eles vêm com a idéia de ficar por um determinado período (três anos) com a intenção de ganhar o dinheiro necessário para comprar uma casa no estado de Goiás e poder retornar, afirmando que o motivo da decisão de migrar foi exclusivamente econômico.

O IPEA destaca que os fatores determinantes do processo de migração são vários, podendo ser resumidos em quatro grupos: (a) fatores associados com a área de origem; (b)

³⁹ Idem. p.109.

⁴⁰ Entrevista com dona Sônia Martins de Oliveira, realizada no dia 25/05/2008.

fatores associados com a área de destino; (c) obstáculos intervenientes; (d) fatores pessoais.⁴¹

Os fatores que determinam a migração são variados e atinge cada indivíduo de forma diferente, o que pode ser um fator trivial para certos indivíduos pode constituir um fator que impeça a migração para outros.

A decisão de migrar é sempre um processo complexo. Tanto na área de origem como na área de destino sempre existem fatores de atração e repulsão, ou seja, os membros de um sistema social são constantemente submetidos a forças contrárias. Certos fatores são atrativos ou repulsivos para quase todos os indivíduos. Independente de quais forem os fatores decisivos para a realização da migração, os fatores de ordem econômica e social são determinantes para sua mobilidade geográfica.

Dona Maria Hilda em sua entrevista aponta alguns pontos que nos ajudam na reflexão sobre os deslocamentos de famílias para o Uberlândia, seus anseios, necessidades, sonhos:

Shirly: Por que vocês decidiram vir para Uberlândia?

Maria Hilda: Meu pai esperava que a gente fosse melhorar, porque ele achava a gente inteligente, mas lá não tinha como melhorar no trabalho, não tinha indústria, não tinha nada pra gente fazer, por isso ele trouxe a gente pra cá, pra gente aprender mais coisa, porque o que tinha pra aprender lá já tinha aprendido, então, foi por isso e ele também já tava cansado de mexer com máquina de arroz veio pra cá pra colocar um armazém, pra melhorar.⁴²

Conforme o depoimento, dona Maria Hilda justifica o motivo do migrar para Uberlândia, seu pai zeloso pela família e orgulhoso pelos filhos inteligentes que tinha, queria que a família tivesse uma vida melhor com mais oportunidades. Como moravam em um pequeno distrito (Riverlândia), tão pequeno que não consta nos dados do IBGE, distrito esse que não havia oportunidades de trabalho e a vida escolar era bastante limitada, a escola servia apenas para os alunos aprender a ler, escrever e fazer algumas contas, optou por migrar para Uberlândia (MG) para poder dar maiores oportunidades para os filhos.

Porém esse não foi o único motivo que levou a família de dona Maria Hilda a migrar para Uberlândia (MG), o pai já estava cansado do trabalho na lavoura e posteriormente na máquina de beneficiar arroz que havia instalado em Riverlândia (GO) e resolveu tentar a vida em Uberlândia e montar seu próprio negócio, no caso, um armazém. O pai de dona Maria Hilda conclui que as opções de vida em Riverlândia já estavam limitadas tanto para os filhos como para ele e vieram, como ela mesma ressalta no depoimento, “pra melhorar”, assim eles resolvem tentar mudar de vida em Uberlândia para (...) *aprender mais coisa, porque o que*

⁴¹ COSTA, M. A. (ed.). *Migrações Internas no Brasil* – IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1971. Op. cit. p. 60.

⁴² Entrevista com dona Maria Hilda de Souza, realizada no dia 04/06/2008.

*tinha que aprender lá já tinha aprendido*⁴³ com esse pensamento e objetivos a família de dona Maria Hilda resolve migrar para Uberlândia no ano de 1970.

Acerca dos motivos que levaram a migração, dona Eliete (outra moradora do Estado de Goiás que migrou no mesmo período) ressalta:

*(...) com meus nove anos de idade nós mudamos pra Uberlândia, meu pai vendeu as terras dele porque já tinha... tava passando um longo período de crise é na lavoura devido as condições temporais e ...ele desanimou, desistiu e vendeu e o dinheiro, a família dele já morava aqui, já tinha uns dois irmãos que morava aqui, aconselhou ele a vir pra cá e comprar casas pra alugar e arrumar um emprego aqui. Assim nós viemos pra cá, acho que se não me falha a memória em torno de 23,25 de dezembro de [19]78, né! Em aqui era promessa de se ter emprego, diferente de Itumbiara, minha mãe também preferiu porque a família falava que aqui tinha mais oportunidade de estudo de melhorar que Itumbiara. Minha mãe sempre quis que a gente estudasse bastante. Só que um detalhe, da família só eu que tenho curso universitário recém concluído também já quase com 40 anos, né! E lá em Goiás era mais difícil, Itumbiara não tinha parentes que morava por lá, então pra ajudar arrumar um emprego era mais difícil, por isso, papai optou por vir pra cá.*⁴⁴

Eliete tem nas lembranças, quando criança, o momento da migração para Uberlândia, que de acordo com seu depoimento aconteceu porque a produção agrícola estava passando dificuldades devido aos fatores naturais. O pai por sua vez, desanimou e vendeu as terras que tinha e optou por migrar para Uberlândia onde já tinha familiares instalados, veio com a intenção de adquirir imóveis para poder alugar. Assim aconteceu a migração de dona Eliete e sua família em dezembro de 1978.

Ao relatar o momento da migração da família para a cidade de Uberlândia, Eliete acrescenta que de acordo com a família de seu pai que já estava instalada nesta cidade, Uberlândia era “promessa de se ter emprego, diferente de Itumbiara” o que nos leva a perceber que a cidade do estado de Goiás a dificuldade de se arrumar emprego era maior e que em Uberlândia seria mais fácil e o mesmo acontecia em relação aos estudos. A mãe de Eliete tinha grande preocupação com os estudos dos filhos, uma vez que, ela já tinha migrado da fazenda para a cidade de Itumbiara em busca de estudos para os filhos e agora vem para Uberlândia com o mesmo propósito. Havia também a questão da família não ter parentes em Itumbiara, sendo mais um motivo para a migração com o destino da cidade de Uberlândia.

Os motivos que levaram a família de Eliete a migrar podem ser identificados no trecho do livro Migrações Internas no Brasil onde um dos autores de acordo com seus estudos conclui que;

⁴³ Entrevista com dona Maria Hilda de Souza, realizada no dia 04/06/2008.

⁴⁴ Entrevista com Eliete Antônia da Silva, realizada no dia 06/06/2008.

(...) nas Migrações Internas atuavam fatores repulsivos intimamente ligados à estrutura e propriedade da terra, ao sistema de comercialização dos produtos agrícolas e à dispersão da renda. Do outro lado, serviam como atração o interesse pelo aumento de níveis de educação, a busca de novos e melhores empregos e, finalmente, o brilho das cidades.⁴⁵

É possível indagar, a partir do que destaca o livro, que a família de Eliete teve como fator repulsivo as dificuldades na lavoura, na educação dos filhos e teve como fator atrativo para a migração o interesse pela educação dos filhos e melhores oportunidades de trabalho. Questão que pode alcançar outras famílias.

Esses mesmos motivos para a migração entre outros pode também ser percebidos no depoimento do Sr. José Georgino:

Shirly: Em que ano vocês decidiram migrar para Uberlândia?

José Georgino: Pra Uberlândia foi na época de ... 80, na década de [19]80.

Shirly: Veio você e sua família?

José Georgino: Eu vim por último. Veio primeiro meu pai, com minha mãe e minhas irmãs e eu vim um ano depois.

Shirly: E por que vocês decidiram vir para essa cidade?

José Georgino: É como eu tava te dizendo a gente morava nessa região e a agricultura, deu daquela época já começou a sofrer pressão por (...) deixa eu te explicar como é que era, por exemplo, a gente não era dono da terra, a gente arrendava.

Shirly: Arrendava?

José Georgino: Arrendava e aí os arrendamentos foi ficando muito caro.

Shirly: Vocês não conseguiram se manter?

José Georgino: Não, conseguia mais manter arrendando e produzindo pra pagar arrendo e sobrar alguma coisa pra gente, aí foi ficando difícil trabalhar.⁴⁶

A família do Sr. José Georgino também sofreu os problemas que a vida no campo apresentava como a falta de propriedade da terra. Como não eram proprietários da terra a família do Sr. José Georgino sofre pressão por não ter mais como pagar os arrendamentos, o dinheiro que conseguia com a vida no campo não sobra, vai todo para o pagamento do arrendo da terra. A vida no campo passa por vários obstáculos como vimos no primeiro capítulo como a falta de terras próprias para os pequenos agricultores, a falta de equipamentos e maquinários apropriados, técnicas de plantios ultrapassadas e falta de dinheiro para investimentos, gerando apenas uma agricultura artesanal, sendo aos poucos absorvidas pelas grandes lavouras e grandes propriedades com a agricultura comercial com o uso de tecnologias apropriadas para o campo. Sendo um dos grandes motivos para pequenos produtores como a família do Sr. José Georgino migrarem para outras localidades, sendo Uberlândia o local escolhido por essa família, na década de 80.

⁴⁵ COSTA, M. A. (ed.). *Migrações Internas no Brasil* – IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1971. Ver p. 98.

⁴⁶ Entrevista com Sr. José Georgino, realizada no dia 08/06/2008.

Em outro depoimento, o de dona Maria Joana, ela resolve migrar para Uberlândia no ano de 1989, para fugir do “serviço pesado” do município de Lagoa do Bauzinho (GO) que era na lavoura e tentar melhorar de vida e ter melhores oportunidades para sua família, porém ela não consegue se adaptar e encontra muitas dificuldades em uma cidade de maior porte e faz o movimento de retorno para o estado de Goiás, isso pode ser confirmado em um pequeno trecho da entrevista realizada:

Shirly: Quando você veio para Uberlândia?

Maria Joana: 89, mas eu só fiquei um ano. Aí eu achei que a vida de cidade, porque toda vida eu fui da roça, a vida da cidade parece que tava complicado, aí eu voltei.

Shirly: Por que você veio?

Maria Joana: Tentar a vida, pra sair desse serviço pesado, tentar coisas melhores, só que eu não adaptei, decidi voltar.

Shirly: Teve muitas dificuldades, quando chegou aqui?

Maria Joana: Há teve, teve muitas. É porque é tipo assim: vai começar pagar aluguel coisa que a gente não é acostumada a pagar, tudo energia, água coisa que lá não precisa, aí você chega num lugar vem duma roça pra cidade, você não tem qualificação de serviço, não tem nada, aí até você arrumar qualquer coisa é difícil.⁴⁷

A migração para dona Maria Joana veio acontecer na expectativa de melhores condições de vida, como emprego, educação, moradia, bem-estar, porém as expectativas dela não se confirmaram ao chegar em Uberlândia pois como ela mesmo se intitula que é uma pessoa da “roça” o que nos dá a entender que era uma pessoa que teve poucos recursos, dificuldades com estudo, como já abordamos anteriormente, mais mesmo com todas essas dificuldades ela prefere a vida em um município de menor porte já que para ela as dificuldades eram menores, pois não havia a necessidade de pagar aluguel e as outras despesas eram menores.

A migração de dona Maria Joana e de tantas outras famílias que saem de um município menor para outro de maior porte nos faz concluir que as migrações nascem, em grande parte, da expectativa do migrante de encontrar melhores oportunidades de emprego e de elevação do padrão de vida nas grandes áreas urbanas. Porém em alguns casos, a expectativa não se confirma. O aumento das informações sobre a oferta efetiva de emprego, das condições habitacionais das grandes concentrações urbanas, serviços de saúde, de educação, entre outros, poderiam constituir elementos decisivos na indução e orientação no espaço dos movimentos migratórios.

⁴⁷ Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008.

As migrações geralmente têm origem em pequenos municípios ou áreas rurais, que é o caso dos entrevistados para as cidades de maior porte como Uberlândia, onde as oportunidades são maiores.

*É reconhecido que a maior parte dos fluxos migratórios tem origem nas áreas rurais ou vilas e cidades de pequeno porte, e que se dirigem para áreas urbanas, em especial, para pólos urbanos de maior importância.*⁴⁸

As pessoas entrevistadas para esta pesquisa fazem parte dos fluxos migratórios com as características acima, elas saíram de áreas rurais e pequenos municípios do sudoeste Goiano e vieram para Uberlândia uma cidade de maior porte em busca de novas e melhores oportunidades.

Uberlândia (MG) cidade de destino dos migrantes goianos que contribuíram para a realização desta pesquisa é uma cidade que desde os anos 70 e 80 é composta por maior parte de população migrante, ou seja, pessoas que nasceram em outras cidades e aqui vieram se estabelecer. De acordo com o Censo Demográfico de 2000 registrou-se aproximadamente 54% da população residente de pessoas nascidas em outros municípios, com maior número de goianos e paulistas. Como indica a pesquisa sobre as condições sócio-econômicas das famílias de Uberlândia:

*A pesquisa das Condições Sócio-Econômicas das famílias de Uberlândia, realizada em 2001, pelo CEPES/IEUFU, mostrou que o padrão de origem dos imigrantes se manteve: mais de 50% vindos de outros municípios mineiros, principalmente do entorno: Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e outra parcela significativa de migrantes do estado de Goiás.*⁴⁹

A pesquisa nos revela que a parcela que goianos que vieram se estabelecer em Uberlândia acabaram se mantendo na cidade, não apenas os migrantes goianos mais principalmente os migrantes de municípios próximos.

A cidade de Uberlândia é posicionada como uma cidade pólo, com grandes avanços demográficos e econômicos da dinâmica regional das últimas décadas. O avanço e crescimento tanto no aspecto econômico e também demográfico podem ser melhor esclarecidos no estudo das Aglomerações Urbanas de Uberlândia(MG): Formação Sócio-Econômica e Centralidade Regional onde seus pesquisadores indicam que a estrutura

⁴⁸COSTA, M. A. (ed.). *Migrações Internas no Brasil* – IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1971. Ver p.106.

⁴⁹ LEME, Heládio J.C. (org.). *Condições Sócio-Econômicas das Famílias de Uberlândia*. Relatório de Pesquisa. Uberlândia: IE e CEPES/UFU, 2001. Ver p.

socioeconômica de Uberlândia foi diretamente afetada por processos de transformações que ocorreram no cenário internacional e nacional, particularmente no pós-guerra.

No plano externo, o dinamismo experimentado pelo capitalismo, no auge e esgotamento da Segunda Revolução Industrial (período dos “anos dourados”, marcado por uma intensa transformação das estruturas produtivas periféricas, acompanhada por intenso crescimento demográfico). No plano interno, merecem destaque as expressivas taxas de crescimento da economia, a industrialização da base produtiva, a intensa urbanização e a interiorização da economia.

Diante de tantas transformações a estrutura socioeconômica regional foi diretamente afetada por esses processos de transformação. Segundo os autores Vitorino, Eduardo, Luiz Júnior, Ester e Carlos José quando a economia brasileira experimentou o auge do seu processo de concentração econômica e industrial em São Paulo e na Região Sudeste, no período 1950/70, a região de influência de Uberlândia consolidava seu histórico papel de articulação comercial e de complementaridade à economia de São Paulo. Neste contexto, a decisão de construir Brasília no Centro-Oeste foi fundamental para justificar um conjunto de investimentos de infra-estrutura (energia, transportes, comunicações, armazenamentos etc.) que posicionaram Uberlândia e região numa localização estratégica de integração da industrialização de São Paulo com a expansão dos mercados interioranos. Processo que foi acompanhado por um intenso êxodo rural que caracterizou a dinâmica populacional brasileira nas décadas de 1950/1970.⁵⁰

A partir do estudo da Aglomeração Urbana de Uberlândia (citado acima) pode-se dizer que Uberlândia e sua região de influência criaram um conjunto de condições que permitiram o exercício de sua centralidade regional na divisão nacional do trabalho. Primeiramente determina a distância física em relação à área de influência dos principais pólos nacionais, permitindo certa proteção de mercado ao crescimento das capitais locais e regionais. E também a infra-estrutura pública investida na região, que permitiu sua localização estratégica na articulação da economia de São Paulo com o interior brasileiro, principalmente com o Centro-Oeste, abrindo perspectivas de expansão e diversificação da base produtiva.

Uberlândia, segundo pesquisadores, conquistou destaque em alguns setores de atividade como o comércio varejista, o comércio atacadista, o setor agroindustrial e os serviços de telefonia e televisão:

⁵⁰ FERREIRA Ester W. et al. Aglomerações Urbanas de Uberlândia (MG): Formação Socio- Econômica e Centralidade Regional. In: HOGAN Daniel Joseph et alii (Orgs.). *Migração e Ambiente nas Aglomerações Urbanas*. 1 ed. Campinas: UNICAMP, 2001, v. Ver p.199.

No plano das telecomunicações, a operadora de telefonia fixa de Uberlândia (CTBC TELECOM) e as repetidoras de TV locais, afiliadas dos sistemas Globo e Bandeirantes, exercem significativa influência direta sobre esse espaço regional. A Cia. Telefônica, sediada em Uberlândia, única empresa privada a operar no território nacional durante as décadas de 70 e 80, atua em uma área composta por mais de 100 municípios, nos Estados de MG, SP, GO e MS. A cobertura dos canais de retransmissão de sinal televisivo, sob o domínio do capital regional, também atinge uma área bem superior ao recorte aqui delimitado para o Aglomerado Urbano de Uberlândia. E da mesma forma, é a estrutura de saúde e da rede de educação superior (inicialmente pública e, posteriormente complementada pela privada) de Uberlândia que canaliza regularmente um fluxo de pessoas para esta cidade.⁵¹

Uberlândia além de ser a sede dos principais atacadistas do país e de um conglomerado liderado pela telefonia, sua localização tem sido disputada por grandes empresas de projeção nacional e também internacional. Podemos citar exemplos de grandes empresas já instaladas nesta cidade como a Souza Cruz (indústria de cigarros), Cargill, Sadia, Monsanto, Carrefour, Makro, Martins (atacadista), Arcom (atacadista), Peixoto (atacadista), Sadia, entre tantas outras.

Com um pouco mais de um século de existência, Uberlândia transformou-se em um dos centros econômicos de maior pujança da região Centro-Sul do país, apresentando um dinâmico e diversificado comércio, um dos maiores centros atacadistas da América- Latina o terceiro parque industrial do estado de Minas Gerais e um setor agropecuário que se destaca como sendo um dos mais importantes da região do Triângulo Mineiro.⁵²

Este é um trecho de uma pesquisa de 1987 onde reforça o papel empreendedor da cidade de Uberlândia e seu dinamismo e grande crescimento econômico, com grande destaque no país e com uma econômica diversificada, chegando até mesmo ultrapassar economias de determinadas capitais do Brasil.

Mas Uberlândia não atrai migrantes de todas as regiões do país apenas por seu dinamismo econômico e sua posição geográfica favorável, há outro fator determinante na atração de pessoas para esta cidade como uma política desenvolvimento construída pela mídia e pelas elites políticas dirigentes que construíram e consolidaram uma imagem de cidade do progresso com um forte poder de atração.

A imprensa de Uberlândia teve um papel importante e favorável à construção e consolidação da imagem de uma “cidade progresso”. Desde o final da década de 50 e início de 60 a imprensa local expõem em suas matérias a cidade “como símbolo vivo” da concretização do desenvolvimento, do progresso e da ordem:

⁵¹ Ibid. p.201.

⁵² CURY, Sampaio. R.. *Avaliação Socioeconômica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: IE /UFU (Departamento de Economia. Universidade Federal de Uberlândia), 1987.

Cidade nova, de traçado bonito, plantada em pleno sertão, longe do mar como quê, Uberlândia é, indiscutivelmente, a cidade que mais cresce e desenvolve no interior de Minas Gerais. Os fatores que contribuem para o seu desenvolvimento talvez estejam mesmo ligados à quantidade de forasteiros que por aqui existe, em geral gente dinâmica, progressista e dotada de força de vontade realmente notável. Uberlândia, a cidade-menina, continua crescendo. Novas ruas surgem onde há pouco era campo. Construções arrojadas. Comércio intensíssimo (o maior do Triângulo e do Brasil-Central), belíssimas vias públicas, notável clima quente durante o dia com rajadas frescas durante a tarde e a noite.⁵³

São matérias como essa que a imprensa procurou construir uma opinião pública favorável aos projetos de desenvolvimento de uma cidade e das elites políticas. Dessa forma os políticos locais eram os responsáveis pelo desenvolvimento e progresso dessa cidade que era vista como uma região onde “a crise econômica não se estabelecia”, assim Uberlândia era apresentada como a cidade que mais crescia no interior de Minas Gerais:

Uberlândia é uma cidade sem fronteiras. Para a dinâmica do seu progresso inexiste a palavra impossível e já está sobejamente provado que a cidade até agora só não conseguiu o que não quis.⁵⁴

De posse de discursos progressistas da elite política dirigente de Uberlândia, a classe dominante forja a imagem de uma cidade modelo para todo o país, um verdadeiro “paraíso” alheio aos problemas do país:

Parafraseando um ilustre mineiro, na histórica frase em que definia que o outro nome de Minas é Liberdade, poderíamos dizer, sem medo de errar, que o outro nome de Uberlândia é DESENVOLVIMENTO. A cidade nasceu, cresceu e vem se consolidando sob este signo, que é marca e vocação de um povo determinado a construir aqui, neste Brasil Central, uma cidade que concilia como poucas o crescimento econômico com qualidade de vida de sua população... a determinação de seu povo para o trabalho tem conseguido criar no Triângulo Mineiro, uma ilha de prosperidade no mar da crise brasileira. O impacto das dificuldades que atingem a todos vem sendo superado com competência e talento dos que constroem, com seu suor, um dos mais ricos capítulos da história do desenvolvimento do país. E esta Uberlândia, que encara o desafio da realidade e que se supera a cada dia ... Uma Uberlândia que empresta ao País um modelo de eficiência e que cumpre a parte que lhe cabe na tarefa da construção de uma Nação mais justa para todos. Uma Uberlândia da qual me dê orgulho de participar, como cidadão e prefeito, escolhido pelo voto para guiar, por algum tempo, seus destinos. Por isto, sou um homem absolutamente feliz e realizado.⁵⁵

O discurso do ex-prefeito Virgílio Galassi retrata a “predestinação” de Uberlândia para o progresso e desenvolvimento dessa cidade. E como se essa fosse uma cidade “mágica” onde há apenas espaço para o desenvolvimento, progresso, prosperidade e não houvesse problemas

⁵³ COISAS E GRAÇAS DE UMA CIDADE CHAMADA UBERLÂNDIA. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.05, 22 jan. 1956.

⁵⁴ CIDADE INDUSTRIAL. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p.01, 18 jan. 1964.

⁵⁵ GALASSI, Virgílio. Uberlândia. *Revista documento*. Uberlândia: Interglobo, 1992. Ver p.05.

vividos em todas as cidades, problemas sociais, econômicos, administrativos, etc., uma cidade que vive a “modernidade” sem nenhum tipo de consequência que o crescimento acarreta.

Através da fala do jornalista Celso Machado, podemos ver a contribuição que a imprensa local destina a construção da imagem de progresso, desenvolvimento e de amor pela população que é constituída de pessoas que não são nascidas nesta cidade mais que tem um amor incondicional por Uberlândia:

Uberlândia, que cidade é essa que vive de desafios e que se supera a cada dia? Que povo é esse que na maioria das vezes, mesmo sem ter nascido aqui é tomado de um amor que se manifesta constantemente em forma de participação? Uberlândia, quem fez esta combinação feliz em ousadia e simplicidade, de juventude e experiência, esperança e certeza? Uberlândia, esse sonho bonito que a realidade de muitos... Uberlândia, simplesmente uma cidade que cresce sem se desumanizar, onde a evolução da tecnologia, a força do comércio, da indústria e agro-pecuária estão voltadas para o ser humano...⁵⁶.

A imprensa local e até mesmo a imprensa nacional geralmente tratam de forma “grandiosa e paradisíaca” a cidade de Uberlândia sempre dispensando grandes elogios como pode ser visto na reportagem publicada pela Folha de São Paulo:

Uberlândia, no Triângulo Mineiro, é considerada por moradores uma das melhores cidades do interior do país para se viver. Ela reúne as vantagens de uma capital sem os problemas de uma cidade grande.⁵⁷.

O trecho da reportagem retrata Uberlândia de forma como sendo uma cidade do interior sossegada, onde a violência, a miséria, os problemas sociais entre outros, não afetam a vida de seus moradores, uma cidade do interior com vantagens dos grandes centros urbanos.

Em alguns estudos sobre os municípios que mais receberam população, na década de 70 e no decênio de 1981/91, verifica-se o destaque para os municípios que compõem o Aglomerado do Triângulo Mineiro, sendo Uberlândia o principal destino dos imigrantes interestaduais.

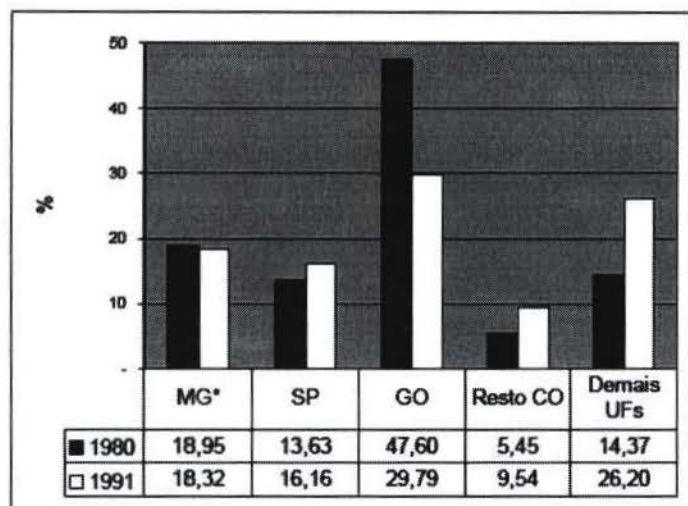
No gráfico abaixo, observa-se que a maioria dos imigrantes interestaduais que se dirigiam para o município de Uberlândia, tinham como Unidade de Federação anterior o Estado de Goiás, tanto na década de 70 (aproximadamente 48%), quanto no decênio de 1981/91 (30%):

⁵⁶ MACHADO, Celso. O perfil de uma cidade vencedora. *Uberlândia cem anos*. Uberlândia: ABC Propaganda, 1985. Ver p.01.

⁵⁷ ZOLINI, Hércio. PEQUENA UBERLÂNDIA TEM VANTAGEM DE CAPITAL. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.05, 10 jan.1993.

UBERLÂNDIA

Distribuição relativa dos imigrantes interestaduais e de MG* segundo local de última residência – 1980 e 1991



Fonte: FIBGE. Censos Demográficos de 1980 e 1991. Tabulações especiais. Microdados.

Como podemos observar Uberlândia é uma cidade cheia de atrativos, que a imprensa local e até mesmo nacional juntamente com a esfera política dirigente tratou de promover uma “propaganda atrativa” para atração de pessoas para ajudar na construção e desenvolvimento deste município. Outro fator importante é que o Estado de Goiás foi de fundamental importância para o crescimento populacional de Uberlândia, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, momento em que forneceu maior número de migrantes para Uberlândia. Esta questão nos coloca a necessidade de investigar a relação entre os deslocamentos de população e a construção de cidades como tema de estudo do historiador.

Os motivos para a decisão de migrar já foram abordados nesta pesquisa, agora o que vamos verificar é como foi feita a escolha da cidade (neste caso, Uberlândia) por partes dos entrevistados, o que os levaram a escolher esta cidade diante de tantas outras opções que este vasto país nos oferece, como e porque Uberlândia foi a decisão dos migrantes vindos do Estado de Goiás.

Shirly: Por que Uberlândia?

Maurício: Porque a gente queria é (...) deixar de lavoura e a gente queria é procurar outro meio de vida. Então Uberlândia naquela época oferecia mais condições, tinha mais indústria, era uma cidade maior. Então a gente veio tentar a sorte aqui em Uberlândia.

Shirly: Você e sua família?

Maurício: Eu e minha família.

Shirly: Você já conhecia a cidade?

Maurício: Conhecia de passagem...

Shirly: E quando vocês vieram foi sob a influência de algum amigo, algum parente?

Maurício: Não. Foi por influência da fama da cidade, que corria na região aonde a gente morava.

Shirly: E o que vocês ouviram falar da cidade?

*Maurício: Que a cidade era grande era boa. Tinha muita indústria e tava em desenvolvimento grande, então a gente veio através disso aí*⁵⁸.

Ouvir os moradores que migraram revelou facetas importantes do viver a cidade. O depoimento do Sr. Maurício aborda primeiramente o motivo pelo qual optou pela migração *queria é (...) deixar de lavoura e a gente queria outro meio de vida*, ou seja, queria deixar o trabalho da roça que exigia grande esforço físico e investimentos financeiros e procurar trabalhar em outras atividades. Como a família do Sr. Maurício residia em um pequeno município não havia outras atividades que absorvia mão-de-obra que não fosse a atividade agrícola. Diante dessa dificuldade em trabalhar em outra função optou-se pela migração.

A escolha da cidade de Uberlândia pela família do Sr. Maurício foi feita pela, como ele mesmo disse, pela “fama da cidade”. Ele foi influenciado por pessoas que já conheciam Uberlândia e de posse de uma fala atrativa trataram de espalhar as vantagens de se residir nesta cidade, que era uma cidade em pleno desenvolvimento, de grande porte, industrializada, geradora de emprego e receptiva com que aqui vieram se estabelecer. Através de conversas e “prosas” o discurso atrativo influenciou na escolha da família do Sr. Maurício para sua vinda para Uberlândia.

O discurso atrativo que está presente na construção e consolidação da imagem de Uberlândia como cidade-progresso não esta presente apenas nas matérias da imprensa ou nos discursos dos políticos dirigentes do município, ele aparece também nas conversas dos “forasteiros” que por aqui passaram ou amigos e parentes dos entrevistados que conheceram Uberlândia, como pode ser observado na entrevista de dona Maria Hilda:

Shirly: (...) como é que vocês decidiram escolher Uberlândia?

*Maria Hilda: Porque veio um padrim e disse que a vida aqui era bem mais fácil do que lá, aí a gente veio pra cá por isso, ele deu um incentivo pra gente vir e não arrependemos não.*⁵⁹

Observa-se que a partir do trecho acima podemos ver o impacto que a “propaganda atrativa” exerce na vida das pessoas, um amigo próximo da família – um padrinho- que conhecia a cidade através da sua fala constroem uma imagem da cidade de Uberlândia e com isso a família é influenciada e decide escolher Uberlândia como destino da migração. Foi feita a pergunta para dona Maria Hilda sobre o que seria essa vida “bem mais fácil” que aqui

⁵⁸ Entrevista com Sr. Maurício Ribeiro de Sousa, realizada no dia 04/06/2008.

⁵⁹ Entrevista com dona Maria Hilda de Souza, realizada no dia 04/06/2008.

existia, ela mencionou que seria a oferta de trabalho, a facilidade com os estudos e as oportunidades de se melhorar de vida, coisa que para ela era improvável no interior de Goiás.

O sonho de uma nova vida na cidade de Uberlândia que nos mais variados discursos sempre se apresentam tão grandiosa, também aparece na entrevista com o Sr. José Georgino:

José Georgino: Não conseguia mais manter arrendando e produzindo pra pagar arrendo e sobrar alguma coisa pra gente, aí foi ficando difícil trabalhar.

Shirly: Aí resolveram vir para Uberlândia?

José Georgino: Vir pra Uberlândia, tentar a sorte aqui em Uberlândia.

Shirly: E como foi feita a escolha dessa cidade?

José Georgino: Por ser um pólo, Uberlândia já era um sonho! A gente mudar pra Uberlândia, por quê? Porque Uberlândia a possibilidade da gente trabalhar, a possibilidade de estudar, a possibilidade de crescer aqui era maior, a gente via maior possibilidade que fosse para outra cidade vizinha que tinha lá.⁶⁰

“Uberlândia já era um sonho!” Com essa expressão o Sr. José Georgino nos relata a experiência de se migrar para Uberlândia. O poder de atração que a cidade exerce na vida dos migrantes é algo grandioso e fascinante, diante desse vasto território que esse país é, Uberlândia se sobressai por inúmeros fatores já citados como: posição geográfica favorável, grandes empresas aqui instaladas, grande número de escolas e instituições de ensino superior e também um forte discurso de atração.

O Sr. José Georgino nos faz perceber através de sua narrativa que sua vinda para essa cidade era a realização de um sonho, era algo que sua família almejava. Era como se todos os sonhos aqui fossem realizados. Via na migração para Uberlândia possibilidade de mudar de vida, mudar para uma vida melhor, aqui havia a possibilidade de melhores empregos, a chance de se avançar nos estudos, era como se essas oportunidades só existissem aqui em Uberlândia. Para as demais cidades que também poderiam ser uma escolha para migração, era como se não existisse a possibilidade de melhora como acontecia em Uberlândia.

Na entrevista do Sr. Carlos ela aponta como um dos motivos para a escolha de Uberlândia como destino também a influência de outras pessoas, no caso de sua família havia parentes já estabelecidos:

Shirly: Em que ano você veio para Uberlândia?

Carlos: 1973. Junho de 1973.

Shirly: Quando vocês moravam em Santa Helena já tinha ouvido falar de Uberlândia? Tinha amigos ou parentes aqui?

Carlos: Tinha parentes do meu pai que morava aqui, que eles são, toda família do meu pai é do Estado de São Paulo, Aparecida do Norte e a vinda deles pra Minas, pro Goiás foi aonde meu pai foi parar no Estado de Goiás na cidade de Santa Helena e mexeu com diversos

⁶⁰ Entrevista com Sr. José Georgino, realizada no dia 08/06/2008.

segmentos: comércio venda ambulante, fez diversos tipo de trabalho na cidade e por último mexia com lavoura, plantio de algodão e com a perda da minha mãe foi que ele desgostou e procurou vir embora pra Uberlândia, porque ele ainda tinha a mãe dele aqui na cidade de Uberlândia. Chegamos em junho de [19]73, é quatro meses depois a mãe dele também faleceu. Em [19]79 ele faleceu também e a gente acabou, os irmãos todos ficaram na cidade de Uberlândia.⁶¹

Esse momento da entrevista com o Sr. Carlos foi difícil, porque as lembranças de sua vinda para a cidade de Uberlândia no ano de 1973 e o motivo que levou sua família a optar pela migração foi algo doloroso: a morte de sua mãe. O pai que é do Estado de São Paulo e quando criança sua família migra para Minas e ele em seguida vai para a cidade de Santa Helena (GO) e lá se estabelece, casa-se e forma uma família, pratica diversos tipos de atividades para sustentar a família, porém com o passar do tempo sua esposa falece e a dor, o sofrimento o faz tomar a decisão de vir para Uberlândia com seus filhos, porque aqui tem a companhia da mãe.

Em junho de 1973 o pai do Sr. Carlos e seus irmãos migram para Uberlândia onde têm parentes estabelecidos e sua avó morre depois de quatro meses, sendo mais um momento de tristeza na família. Seu pai também falece no ano 1979 e com isso o Sr. Carlos e seus irmãos decidem ficar de vez na cidade de Uberlândia. Um ponto de destaque no depoimento do Sr. Carlos é que a migração de sua família foi paralela a uma série de acontecimentos tristes.

As razões para migração são várias, sendo o fator econômico o que inclui melhores empregos, educação, possibilidade de melhorar de vida determinante nas entrevistas e de acordo com a leitura do livro *Migrações Internas no Brasil* é o objetivo principal. Os entrevistados saíram de pequenos municípios e zonas rurais do sudoeste goiano em direção ao município de Uberlândia (MG), por ser um município até próximo da divisa com o Estado de Goiás e por ser uma cidade de maior porte e por se tratar de uma cidade em constante desenvolvimento.

Ao analisar como foi feita a escolha da cidade de Uberlândia como destino, considerando diferentes fatores, seja a influência de outras pessoas, amigos ou parentes, seja usando de um discurso atrativo, me veio a lembrança da leitura do livro *Na luta por habitação*, do historiador João Carlos de Souza, onde o autor destaca razões para migrações com destino a São Paulo:

Trata-se de um processo, que teve início com as imagens que muitos formaram sobre a cidade de São Paulo, a partir do que ouviram falar por conhecidos ou parentes que residiam na

⁶¹ Entrevista com Sr. Carlos Antônio Aires, realizada no dia 19/06/2008.

*capital paulista quando da suas visitas ou de suas correspondências. Uma dessas imagens é a de que se conseguiria dinheiro fácil.*⁶²

O livro também aborda a questão da migração de grupos de pessoas de várias partes do país que chegavam a cidade de São Paulo (SP) em busca de uma “vida melhor” através do discurso e experiências de pessoas conhecidas, o que pode ser percebido em relação aos entrevistados desta pesquisa, um forte discurso atrativo através da fala de pessoas conhecidas ou matérias de jornais e telejornais optaram por Uberlândia também em busca da tão sonhada “vida melhor”.

Uma vez estabelecidos na cidade de Uberlândia, os entrevistados não tiveram o projeto de uma vida melhor sem superar obstáculos, não bastaria apenas chegar aqui e a concretização desses projetos estariam realizados da noite para o dia, foi necessário enfrentar mais uma caminhada em busca desse sonho. Vejamos o depoimento de dona Sônia:

Sônia: (...) a gente vieram com a cara e a coragem, porque precisa mesmo, lá já não tinha mais condições de viver é igual ou to falando, ganhava pouco, tinha que pagar aluguel, tinha uma filha então tinha que ... nós viemos e fomos morar com um tia do meu marido. Foi difícil, morar com os outros, foi difícil mas no começo não foi fácil, pensamos em voltar umas duas ou três vezes com voltar mas acabou ficando.

Shirly: Quando vocês vieram foi difícil para seu esposo conseguir emprego?

Sônia: três meses ele conseguiu um emprego. Ele conseguiu emprego no transporte coletivo, mas ele não gostou, trabalhou três meses e não gostou, trabalhou três meses e saiu. Aí novamente foi trabalhar no posto de gasolina, aí ele ... não; eu não vim pra Uberlândia pra trabalhar num posto de gasolina... [risos]... Aí quando em janeiro de [19]81 ele conseguiu um serviço numa grande empresa.

Shirly: E vocês moravam de aluguel nessa época? Ou continuaram morando...

Sônia: A gente morou dois anos com parente, aí depois a gente foi pagar o aluguel. Mas a gente pagou aluguel um ano, um ano e pouquinho conseguiu, aí a gente tinha pensado de comprar uma casa, ganhar o dinheiro e comprar uma casa lá na Lagoa, não, foi o contrário, com...

Shirly: Voltar para trás?

Sônia: Voltar pra trás, não foi o contrário, com três anos que estávamos em Uberlândia, conseguimos comprar uma casa em Uberlândia.

Shirly: Há, então, vocês já tinham planos de vim pra cá juntar dinheiro e voltar para trás?

*Sônia: É. Ficar três anos, uns três, quatro anos juntar um dinheirinho pra comprar uma casinha lá, porque aí sim, lá se tivesse uma casa de morar seria mais fácil. Mas não, aí gostamos da cidade, deu tudo certo, resolvemos ter uma oportunidade de comprarmos uma casa aqui.*⁶³

No depoimento de dona Sônia vemos o relato das dificuldades enfrentadas no início de sua chegada a Uberlândia. Diz: veio com “a cara e a coragem”. Morou com parentes durante um período, já que não tinha como pagar o aluguel de uma casa. Pensou em voltar para o Estado de Goiás algumas vezes, mas a persistência a fez mudar de idéia e com o tempo tudo

⁶²SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação, a construção de novos valores*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1995. Ver p.33.

⁶³ Entrevista com dona Sônia Martins de Oliveira, realizada no dia 25/05/2008.

foi melhorando. Seu esposo conseguiu um bom emprego depois de passar por algumas experiências profissionais que não lhe agradaram.

Com um emprego em uma empresa grande o esposo de dona Sônia pode pagar o aluguel de uma casa para a família ter mais liberdade. Com pouco tempo pagando aluguel a família conseguiu comprar sua própria casa, um detalhe interessante na entrevista de dona Sônia é que ela nos relatou que sua vinda para Uberlândia tinha tempo certo de duração, ela e seu esposo vieram com o objetivo de trabalhar e conseguirem o dinheiro para retornar para o estado de Goiás e comprarem lá sua casa própria. Só que a vida em Uberlândia deu certo e a permanência na cidade foi definitiva.

Para a família de dona Sônia a vida na cidade de Uberlândia foi difícil nos primeiros anos, já que vieram sem dinheiro e são pessoas pouco instruídas e aqui chegando tiveram que morar na casa de parentes e para conseguir um emprego melhor teve que passar antes por experiências ruins, é claro que as dificuldades não pararam por aí de acordo com a entrevista realizada a vivência em uma cidade grande é diferente de localidades menores: como a violência presente, horários mais rigorosos, a relação de vizinhança é estreita. Em um trecho da entrevista ela se refere a relação com vizinha da seguinte forma:

(...) a gente não vai passear na casa de vizinho, a gente vai na casa do vizinho pra uma precisão. Lá não, lá a gente passeia na casa do vizinho, aqui não, aqui só se precisar.

Ou seja, a relação de vizinhança nos lugares de origem desses moradores era praticamente uma relação de amizade, os vizinhos freqüentavam a casa uns dos outros, aqui na cidade de Uberlândia dona Sônia percebeu a diferença, a relação de vizinhança é mais estreita, em geral são apenas pessoas conhecidas.

No caso da família de Eliete no momento da chegada a Uberlândia, as dificuldades enfrentadas foram de outra ordem, já que a família já tinha sua casa própria:

Shirly: Eliete, você e sua família migraram em 1978 para essa cidade de Uberlândia, me fala como foi a chegada aqui.

Eliete: Não, fora o deslumbre, né, aí depois nós chegamos aqui meu pai já tinha... quando nós viemos de mudança meu pai já tinha construído a casa, que a família dele indicou um terreno grande no bairro Tibery. Como nós morava em Itumbiara numa rua de terra papai comprou outro lugar que tinha terra (...) meus irmãos estudava a noite em escola particular que papai pagava que não tinha vaga de nós foi só eu que passei na prova do José Inácio na época na quinta série, meu irmão não passou antes de mim e outra irmã minha, que a gente fazia prova e somente os melhores alunos que entrava lá no José Inácio, foi só eu e um irmã mais velha minha que consegui, os outros não conseguiu, papai tinha que pagar. Se quisesse manter estudando papai tinha que pagar...

Shirly: Quando vocês vieram, foi difícil para seu pai arrumar emprego? Ele já tinha emprego arrumado?

Eliete: Não ele não tinha emprego, foi muito difícil. Meu pai trabalhou na carvoeira durante um tempão junto com o meu padrinho que trabalhava também na carvoeira, eles trabalha de motorista na carvoeira, ele ficava a semana inteira nessa carvoeira, que eu não sei onde é essa carvoeira aqui, eu era menina, não me lembro, e vinha aos sábados. Às vezes ficava uns quinze dias pra lá e vinha, até que ele conseguiu, arrumou, meu tio arrumou um emprego pra ele no supermercado Celeste, trabalhou lá até aposentar.⁶⁴

Pagar aluguel não foi problema para a família de Eliete, porque o pai já havia construído a casa antes da chegada do restante da família, seu único lamento era que a casa continuava sendo em uma rua de terra, esse foi um momento de grande descontração na entrevista pois ela afirmava que o pai amava a terra pois só comprava casa em rua de terra. O problema enfrentado pela família no momento da chegada a Uberlândia foi a falta de vagas nas escolas públicas. Em seu depoimento ela disse que era necessário fazer uma prova para se ter uma vaga no José Inácio (Escola Estadual muito conceituada na década de 80) e somente os aprovados conseguiam vaga, no caso somente ela e mais uma irmã conseguiram entrar. Os demais filhos para poderem continuar estudando tinha que se pagar uma escola particular, o que era muito oneroso para uma família pobre.

Outra dificuldade enfrentada pela família foi conseguir um emprego para o pai, ele teve que se submeter há um emprego numa “carvoeira” que devia ficar afastada da cidade, pois o pai só retornava nos finais de semana, por fim conseguiu um emprego (do qual não tenho muito detalhes) que devia ter sido bem melhor, uma vez que ficou até se aposentar. Outra entrevistada que nos relatou as dificuldades encontradas em sua chegada a Uberlândia foi Maria Joana:

A minha experiência de Uberlândia, pra te falar a verdade eu não gostei nenhum pouco, é porque pelo lugar que eu moro na época era uns 1.500 habitantes, aí eu mudar pra uma cidade louca dessa, que é muita gente, tudo que você vai fazer tem que pegar dois, três ônibus é tudo muito longe, eu não era acostumada acho que foi... isso eu achei mais ruim. Aí eu não sabia, não adaptei a esse jeito de vida, aí acho por isso mais que eu voltei, eu achava tudo muito custoso, aí o meu marido veio a procura de trabalho de pedreiro, ele conseguiu sim mas quando ele conseguiu aí parece que eu já tava assim desnorteada, porque você vem pra uma cidade até que você arruma um trabalho parece que tudo já tá muito complicado. Eu achava tudo muito difícil, porque aqui ninguém fala com ninguém, aonde que eu moro não, lá é diferente todo mundo é amigo de todo mundo, lá todo mundo sabe a vida um do outro, na cidade não é isso. Eu tinha vizinho que até hoje eu não sei o nome, não falei nem um oi, aí eu não gostei e pra falar francamente não pretendo voltar mais, não porque a cidade é ruim, porque eu não adapto numa cidade, porque eu vivi a vida toda na roça.⁶⁵

A entrevistada Maria Joana, foi a única migrante que veio para Uberlândia em busca de melhores oportunidades de trabalho e não se adaptando a cidade retornou para o Estado de

⁶⁴ Entrevista com Eliete Antônia da Silva, realizada no dia 06/06/2008.

⁶⁵ Entrevista com Maria Joana Martins, realizada no dia 10/06/2008.

Goiás. Relatou que teve dificuldades aqui primeiramente por ter que pagar aluguel, foi difícil para o marido conseguir emprego, por ser de uma cidade pequena achava tudo longe sempre tendo que pegar mais de um ônibus para chegar ao trajeto desejado. A relação de amizade e vizinha praticamente não existia, alega que o vizinho são todos muitos distantes e geralmente nem se falam. Acima de tudo teve dificuldades de se estabelecer em Uberlândia porque sempre viveu em pequenos municípios e localidades rurais, onde considera que as pessoas são mais próximas uma das outras. Voltou para o município de Lagoa do Bauzinho (GO) onde residia antes e de acordo com seu relato não pretende mais sair de lá.

Sobre as dificuldades encontradas na chegada a cidade de Uberlândia todos os entrevistados tiveram, no geral as dificuldades são parecidas tais como: pagar aluguel, conseguir emprego sem experiências, morar com parentes, não conseguir vagas em escolas públicas, ser empregados uma vez que antes trabalhavam por conta própria. Contudo uma característica muito marcante nas entrevistas é de que as dificuldades vivenciadas foram apenas pequenos obstáculos e que os aspectos positivos foram infinitamente maiores e os migrantes fizeram questão de apresentá-los e reforçá-los em quase todas as respostas obtidas. Para eles a vinda para Uberlândia acarretou várias vantagens e aqui com um novo começo construíram suas vidas, criaram seus filhos, tiveram novas experiências profissionais, adquiriram suas casas (algumas mais de uma), alguns abriram seus negócios, proporcionaram estudos para seus filhos, seus filhos formaram suas próprias famílias, enfim isso para os entrevistados é estar bem de vida. Ver sua família feliz, filhos formados, ter casa e carro próprio significa ter obtido sucesso nessa cidade, como nos relata o Sr. Carlos:

(...) Uberlândia é uma cidade que nos acolheu bem e com o passar do tempo a gente, cada um foi tomando seu rumo é minhas irmãs casaram, foram viver suas vidas. Em [19]79 foi quando eu casei já havia uma responsabilidade maior e de lá pra cá, a gente tem vivido um pro outro e contamos com a graça de Deus de ter nos dado duas filhas e por sinal também hoje graças a ele e nosso esforço todas são formadas e isso pra mim tudo é vitória na cidade de Uberlândia.
66

Na sua fala o Sr. Carlos demonstra gratidão pela cidade de Uberlândia, onde foi bem recebido, formou uma nova família, demonstrando um grande sentimento pela esposa e filhas, sendo grato a Deus por tudo que conquistou. Nesta cidade conseguiu dar estudos para as filhas que hoje são formadas e alegando somente vitória em todos os sentidos a cidade de Uberlândia, onde seus objetivos foram alcançados.

⁶⁶ Entrevista com Sr. Carlos Antônio Aires, realizada no dia 19/06/2008.

O sentimento de vitória presente na criação e sucessos dos filhos também está presente no depoimento do Sr. José Georgino:

Shirly: Durante esse tempo que você esta aqui, financeiramente teve sucesso?

José Georgino: Financeiramente [risos], mais ou menos, vida de classe média razoável.

Shirly: Já tá bom é classe média [risos].

José Georgino: [risos] Graças a Deus!

Shirly: Foi positiva sua vinda para Uberlândia?

José Georgino: A vantagem que eu te falo, consegui a sobreviver aqui, formei uma família, né, tenho uma filha e um filho. A filha já casada faz faculdade, o filho é solteiro mora em casa faz faculdade também e vida razoável, boa [risos].

Shirly: Pra você valeu a pena ter vindo do Estado de Goiás para Uberlândia?

José Georgino: Valeu muito a pena, mas eu acredito também que eu tivesse ficado lá, porque lá é uma região do meu coração, eu gosto [risos].

Shirly: [risos] Sente vontade de voltar?

José Georgino: Não, voltar não. Eu tenho vontade às vezes de adquirir alguma coisa lá mais voltar não.⁶⁷

Assim como no depoimento do Sr. Carlos o depoimento do Sr. José Georgino também nos apresenta as questões familiares como sucessos em sua vida em Uberlândia. A grande vitória nesta cidade foi a formação de sua família com a criação dos dois filhos que estão ambos cursando a faculdade. Os dois depoimentos atribuem seu sucesso na cidade de Uberlândia não as conquistas financeiras, aos bens materiais e sim a formação de suas famílias o avanço na criação dos filhos, o desejo de ver os filhos formados, isto sim é para eles a maior conquista que poderiam obter nesta cidade.

O Sr. José Georgino não esconde a saudade que sente do estado de Goiás, acredita que se tivesse ficado lá também teria obtido sucesso, já que demonstra enorme carinho por esse Estado. Porém não expressa o desejo de voltar, pois sua vida agora é aqui em Uberlândia ao lado dos filhos e netos, aqui constituiu uma nova família, mas há o desejo de adquirir algum bem no estado de Goiás, porque mesmo morando em Uberlândia tem um sentimento de carinho pela região que residia anteriormente.

Para Eliete o aspecto importante na migração de sua família para Uberlândia se constitui na realização do sonho da mãe em ver seus filhos estudando:

Os aspectos positivo foi que o sonho da minha mãe de estudo que apesar de não realizou, mas ela conseguiu que pelo menos com alguns realizar que dos sete somente dois não concluíram o ensino médio. E esses dois hoje um é pedreiro e o outro é pintor de casas, né, agora eu formei, graduei em História agora e a família toda foi assistir minha formatura que eu quis fazer pela minha mãe, pela luta da minha mãe, participar da festa, da formatura. Minha mãe ficou feliz da vida. Meu pai, nossa, meu pai ficou ... porque meu pai é o poço da paciência, minha mãe é nervosa mas meu pai é o poço da paciência, todo mundo ficou muito orgulhoso. E depois que eu entrei na faculdade, aqui na UFU serviu de exemplo para os meus sobrinhos. Depois que eu

⁶⁷ Entrevista com Sr. José Georgino, realizada no dia 08/06/2008.

*entrei já entraram mais dois sobrinhos meus que animado, encorajado por mim, porque o assunto deles comigo é só sobre o assunto de faculdade, todo mundo quer saber, perguntar sobre escola.*⁶⁸

Para Eliete o aspecto mais importante da migração de sua família para Uberlândia foi a realização do sonho de sua mãe em ver os filhos estudando para obter maiores oportunidades. O sonho se realizou com a maioria dos filhos, apenas dois não concluíram o ensino médio, de acordo com as entrevistas os mesmos tiveram que se submeter a atividades menos remuneradas como a de pedreiro e pintor. Os demais tiveram mais avanços nos estudos e concluíram o ensino médio, apenas a entrevista Eliete conseguiu formação no curso superior e fez questão de participar da festa de formatura e convidar toda sua família para esse momento tão importante.

Novamente podemos perceber o quanto a família é importante e constante na vida de todos os entrevistados, ela foi o motivo da migração e motivo de se continuar lutando e buscando sempre melhores oportunidades. A mãe de Eliete desejou vir para Uberlândia em busca de estudo para os filhos, através do sonho de se tornarem pessoas com melhores oportunidades de trabalho e o momento da formatura da filha, foi um momento de grande alegria e isso pode ser sentido no momento da entrevista com Eliete, ao relatar a festa de formatura e a felicidade de seus pais, para ela esse momento valeu todos os esforços e dificuldades que enfrentaram desde o estado de Goiás, a migração para Uberlândia, as dificuldades iniciais nesta cidade, até o momento da festa, era como se um filme estivesse passando em sua mente, mas não era um filme era a concretização de um sonho.

Em outra entrevista com o Sr. Maurício perguntado sobre sua avaliação na migração para Uberlândia ele não ressaltou nenhum aspecto negativo apenas nos relatou sobre as dificuldades iniciais, e quanto às aspectos positivos resumiu em poucas palavras: *A vida melhorou 200%. Melhorou muito a vida. Em termo financeiro, em termo cultural então eu achei que melhorou, não só a minha vida, mas de toda minha família.*⁶⁹

A partir da fala do Sr. Maurício é possível perceber que para ele e sua família foi positiva a vinda para Uberlândia, durante essa parte da entrevista não houve uma abertura maior por parte do entrevistado para que ele pudesse explicar com melhores palavras a vantagens de sua vida em Uberlândia, acho que o dia em que foi realizada a entrevista não era um momento muito oportuno já que as respostas eram sempre curtas e diretas o que me fez relembrar o artigo de Portelli *O momento da minha vida: funções do tempo na história*

⁶⁸ Entrevista com Eliete Antônia da Silva, realizada no dia 06/06/2008.

⁶⁹ Entrevista com Sr. Maurício Ribeiro de Sousa, realizada no dia 04/06/2008

oral onde uma das primeiras lições da ética sobre a história oral é a importância por cada indivíduo, ou seja, é necessário compreender qual o melhor momento para a realização da entrevista.⁷⁰

Na entrevista com dona Sônia, perguntada sobre sua avaliação sobre a migração da sua família para Uberlândia, ela nos relatou com um sorriso nos lábios:

Sônia: ...valeu muito a pena, muito. E se precisasse, vinha de novo. Valeu à pena é igual eu falei tudo que eu tenho eu devo a cidade de Uberlândia e tudo que conquistei devo a cidade de Uberlândia. Não tenho mais vontade de sair daqui. Minhas filhas cresceram, já tem uma casada mora aqui, a outra estuda, trabalha aqui. Então, acho agora é a cidade de Uberlândia até o fim.

Shirly: Você poderia comentar o que você conquistou aqui, nessa cidade?

Sônia: Não, não muita coisa, mais eu criei as filhas, é, como o que eu vou falar, tudo de bom e do melhor. Sim, tudo na medida né, eu tive condições de dar, eu comprei a minha casa, financiada mas hoje ela já é minha, comprei carro, viajei muito, passeio muito...então eu acho que, lá não tinha nada e aqui consegui as minhas coisas básicas, consegui ter um padrão de vida bom.⁷¹

Mais uma vez, as conquistas adquiridas na cidade de Uberlândia estão ligadas a família. Dona Sônia atribui todas as suas vitórias nesta cidade na alegria de poder ter criado suas filhas e ter lhe proporcionado o que era necessário dentro de suas condições o melhor. Pode criá-las com seus valores, proporcionando estudo e até também ver uma das filhas constituir uma nova família através do casamento.

Em Uberlândia ela teve o sonho da casa própria realizado, pôde adquirir seu carro, fazer passeios, viajar, coisa que ela achava que não teria acontecido se tivesse permanecido no em Goiás, alega que aqui adquiriu um bom padrão de vida.

O esforço desta pesquisa é o de apontar elementos que levaram a migração para então cidade de Uberlândia, motivos que foram apontados por pesquisas sobre o tema e principalmente pelos entrevistados que em seus apontamentos justificam a migração como um projeto de vida melhor, da expectativa de enfrentar dificuldades nos municípios que residiam anteriormente.

Sonhos esses de uma vida melhor, o que para os entrevistados significa as relações de valores com sua família. “Se dar bem” na vida desses entrevistados não significa ficar rico, construir um patrimônio invejado, ter muitas posses, se dar bem significa poder proporcionar uma vida melhor para os filhos e desejarem que, já formados, com grande esforço possam construir suas famílias enfrentando menos dificuldades, que eles consigam através de seus

⁷⁰ PORTELLI, Alessandro O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et alii (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 296-313.

⁷¹ Entrevista com dona Sônia Martins de Oliveira, realizada no dia 25/05/2008.

estudos um emprego melhor, assim conquistando seus bens materiais necessários para uma vida com mais momentos de realização seja pessoal, profissional, financeiro.

Considerações Finais

Ao iniciar esta pesquisa e com um tema já estabelecido tinha em mente que as migrações aconteciam quase que essencialmente por questões econômicas, associava as taxas de migrações a questões financeiras. Migrar para outros municípios, estados em busca de uma “vida melhor”. Mas melhor em que sentido? O que pode ser considerado melhor? Quais são as dificuldades, os obstáculos, enfim qual o caminho para se obter o melhor?

Trabalhar com depoimentos orais me deu a possibilidade de poder aprender muito e mudar meu modo de pensar, ou melhor, pensar as várias razões que levaram os entrevistados a deixar o Estado de Goiás e seguir em direção a Uberlândia (MG), em busca da tão sonhada “vida melhor” que num primeiro momento nos remete as melhores condições financeiras, possibilidade de ascensão, melhores empregos, no geral, aspectos quase que exclusivamente econômicos.

Depois de realizadas as entrevistas, transcrevê-las, pude ver o quanto estava enganada. A vida das pessoas não caminhava apenas em direção as questões econômicas, existem questões que estão muito além. Valores, sentimentos, esperanças, sonhos, questões que são infinitamente maiores do que qualquer valor econômico.

Poder contar a vida de algumas pessoas que pode ser parecida e conter aspectos semelhantes a vida de muitos de nós é um grande privilégio para qualquer historiador, uma vida que nos parece simples, sem grandes acontecimentos, na verdade é uma grande história. Nossa vida está ligada de várias maneiras a grandes acontecimentos, as estatísticas, as pesquisas, enfim, todos nós estamos em sintonia com o mundo ao nosso redor.

O que pretendi com este trabalho não foi analisar as migrações a partir de dados econômicos, estatísticas, números, percentuais, mesmo que tenha considerado, eles são importantes, o que ocorre é que quando estamos diante desses dados não conseguimos vislumbrar quem está por trás deles, quem são esses migrantes? Que experiência de vida eles tem? Quais são suas dificuldades? Seus sonhos e aspirações? O que os levaram a migrar? Enfim qual sua identidade?

A partir do momento em que foi realizada as entrevistas pude compartilhar das entrevistas e da vida de cada entrevistado, reviver juntamente com eles suas trajetórias de vida ainda no Estado de Goiás, todas suas dificuldades e alegrias e sua caminhada até Uberlândia (MG) onde é concretizada a realização de seus sonhos e objetivos ou parte deles.

O que pude constatar é que a vida dos entrevistados e suas famílias no geral, foram vidas construídas com simplicidade, famílias pobres com pouquíssimos recursos, com uma economia voltada para lavoura onde tiravam sua sobrevivência e o pouco que lhes sobravam era destinado para a troca de outros produtos que eram necessários no dia-a-dia e que não era possível produzir.

Os entrevistados quando crianças tinham uma vida dividida entre a escola e o trabalho que era comum no modo como foram criados pelos seus pais, sempre os acompanhando no trabalho, a vida da roça era dura, era um trabalho pesado e todas as tarefas eram divididas. O tempo era dividido entre trabalho e escola, durante uma parte do dia realizavam as tarefas que lhes eram atribuídas, capinar, tratar dos animais, plantar, colher, enfim tarefas da lavoura e na outra parte freqüentavam a escola que no geral ficava distante dos locais onde moravam e todo o trajeto era feito a pé o que exigia grande esforço físico.

Um elemento que não havia pensado antes de iniciar a pesquisa e que se mostrou presente durante todo esse trabalho é a presença da família, a importância da família na vida desses migrantes. Família sempre unida, os pais sempre ensinando o ofício do trabalho aos filhos que desde muito pequenos já ajudam na sobrevivência da família, já que a única mão-de-obra disponível era dos filhos. A família enfrenta as dificuldades juntas, os momentos de diversão e lazer, as alegrias e as surpresas da vida. Pensa em uma vida melhor para os filhos e os pais decidem migrar para uma cidade de maior porte com mais oportunidades de estudo e trabalho.

Este foi um ponto que me surpreendeu e me deixou muito feliz durante a realização da pesquisa, a importância da família na vida de cada entrevistado, praticamente todos os momentos da família eram compartilhados por todos; o trabalho, a luta, as esperanças, as dificuldades, as alegrias, os sonhos, os objetivos, tudo era sempre uma decisão para o bem de todos. Os pais tiveram a preocupação de tentar uma nova vida para poder proporcionar um futuro melhor para os filhos, estes por sua vez deixaram claro nas entrevistas a importância da família em suas vidas, ela é o suporte de tudo.

A vida desses moradores do interior de Goiás foi uma vida de trabalho duro, pesado para os entrevistados e suas famílias, no geral não eram proprietários das terras que cultivavam, produziam para pagar arrendo e sobreviver não tiravam lucros nessa produção era um meio de sobrevivência em um estado que sofreu grandes transformações em sua economia, na sua forma de produção acarretando mudanças para seus habitantes.

Os entrevistados sempre tiveram uma vida “dura”, de muito trabalho, com uma infância dividida entre o trabalho e os estudos, uma vida simples com poucos recursos, com pouco tempo para o lazer que se restringia aos recursos naturais de cada região, porém o que é fundamental ressaltar é que mesmo tendo uma vida com grandes dificuldades em nenhum momento os entrevistados recordam esses momentos, essa fase da vida com tristeza ou com amargura e sim como momentos de felicidade. Para eles foi uma fase difícil, porém feliz.

A opção de migrar para Uberlândia em busca de uma “vida melhor” era mais uma demonstração da união familiar, os pais tentam buscar novas e melhores oportunidades para os filhos, oportunidades de trabalho e estudo para que seus filhos não tivessem mais tantas dificuldades na vida, para que consigam construir uma vida com maiores possibilidades de crescimento.

De acordo com as entrevistas realizadas, os migrantes optam pela decisão de migrar para Uberlândia por se tratar de uma cidade em constante desenvolvimento e crescimento com grandes oportunidades, uma vez que a vida estava ficando difícil no interior do Estado de Goiás devido as transformações na economia.

Essa “vida melhor” não significa que tinham em mente se instalar em Uberlândia e construir um imenso patrimônio. Claro que todos os entrevistados vieram em busca de uma melhor vida financeira e elevar seu padrão de vida, seria um grave equívoco negar a importância do valor econômico, contudo o que é necessário destacar é que “melhorar de vida” para esses entrevistados resultou em adquirir uma casa própria, adquirir pequenos bens materiais, ter a oportunidade de aprender novos ofícios, ter tido a chance de poder viver novas experiências.

Todos os entrevistados afirmaram que se deram bem na vida não pelos bens que adquiriram, mas por ter tido a possibilidade de construir uma nova família aqui em Uberlândia, por ter criados os filhos e proporcionado estudos para eles. Agora o que é mais importante na vida deles é ver os filhos conquistarem a mesma felicidade que conseguiram adquirir, construir suas vidas assim como eles conseguiram.

Trabalhar com a história oral me deu a possibilidade de poder refletir a migração não apenas pelos dados econômicos como inicialmente questionava e pautava essa pesquisa, me fez refletir sobre a vida desses migrantes sobre outros aspectos, a partir das entrevistas realizadas, em contato com a vida de cada entrevistado pude perceber a grande história que cada um de nós carrega, as dificuldades, as alegrias, às mudanças e transformações que ocorrem, as vezes inesperadamente, isso tudo está presente nesta pesquisa, a importância de

cada indivíduo juntamente com sua trajetória de vida, que também é história. História essa que não se separa das estatísticas, dos percentuais, dos números que aparecem nas pesquisas e estudos sobre migrações.

Este é o ponto central deste trabalho mostrar um pouquinho a vida de um pequeno grupo de migrantes que pode ser parecida com a de muitos que saíram do Estado de Goiás em direção a Uberlândia (MG) em busca do que denominam “vida melhor” e de acordo com seus depoimentos acabaram encontrando.

FONTES:

Publicações periódicas – Matérias de jornais:

CIDADE INDUSTRIAL. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p.01,18 jan.1964.

COISAS E GRAÇAS DE UMA CIDADE CHAMADA UBERLÂNDIA. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, p.05, 22 jan. 1956.

ZOLINI, Hécio. PEQUENA UBERLÂNDIA TEM VANTAGEM DE CAPITAL. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.05,10 jan.1993.

Publicações periódicas – Matérias de revistas:

GALASSI, Virgílio. Uberlândia. *Revista documento*. Uberlândia: Interglobo, 1992. Ver p.05.

MACHADO, Celso. O perfil de uma cidade vencedora. *Uberlândia cem anos*. Uberlândia: ABC Propaganda, 1985. Ver p.01

Documentos Jurídicos:

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**, lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Livro I, Capítulo IV – Do Direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, Brasília, DF, 13 jun. 1990.

Documentos Eletrônicos:

CIDADES. IBGE; *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 08 maio. 2009.

SCRIPTA NOVA. **Revista Eletrônica de Geografia Y Ciencias sociales**, Universidade de Barcelona, ago. 2002. Vol. 6, n. 119 (31). Disponível em:< <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-72.htm> > Acesso em: 08 maio. 2009.

Entrevistas:

Entrevista realizada com dona Sônia Martins de Oliveira em 25 de maio de 2008, na sua residência que se localiza no bairro Luizote de Freitas em Uberlândia. Sua última residência antes da migração foi o distrito de Lagoa do Bauzinho que é município de Rio Verde (GO), migrando para Uberlândia no ano de 1980. Na data da entrevista estava com 48 anos exercendo a profissão de comerciante juntamente com seu esposo.

Entrevista realizada com o Sr. Maurício Ribeiro de Souza em 04 de junho de 2008 em sua residência que se localiza no bairro Brasil em Uberlândia. Sua última residência antes da migração foi à cidade de Itumbiara (GO), migrando para Uberlândia no ano de 1970. Na data da entrevista estava com 62 anos e já se encontrava aposentado.

Entrevista realizada com dona Maria Hilda Souza em 04 de junho de 2008 em sua residência que se localiza no bairro Brasil em Uberlândia. Sua última residência antes da migração foi o distrito de Riverlândia que é município de Rio Verde (GO), migrando para Uberlândia no ano de 1970. Na data da entrevista estava com 60 anos e já se encontrava aposentada.

Entrevista realizada com Eliete Antônia da Silva realizada em 06 de junho de 2008, na biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Sua última residência antes da migração foi à cidade de Itumbiara (GO), migrando para Uberlândia no ano de 1978. Na data da entrevista estava com 40 anos e exercia a profissão de professora de História na rede estadual de Uberlândia.

Entrevista realizada com o Sr. José Georgino em 08 de Junho de 2008 na casa de sua mãe no bairro Brasil em Uberlândia. Sua última residência antes da migração foi à cidade de Rio Verde (GO), migrando para Uberlândia no ano de 1970. Na data da entrevista estava com 61 anos, exercendo a profissão de representante comercial.

Entrevista com dona Maria Joana Martins realizada em 10 de Junho de 2008 na casa de sua irmã no bairro Luizote de Freitas em Uberlândia. Sua última residência antes da migração para Uberlândia no ano de 1989 foi o distrito de Lagoa do Bauzinho que é município de Rio Verde (GO), permaneceu apenas por um ano em Uberlândia retornando em seguida para o distrito de Lagoa do Bauzinho. Na data da entrevista estava com 43 anos e exercia a profissão de comerciante.

Entrevista realizada com o Sr. Carlos Antônio Aires em 19 de Junho de 2008 em sua residência no bairro Daniel Fonseca em Uberlândia. Sua última residência antes da

migração foi à cidade de Santa Helena de Goiás (GO), migrando para Uberlândia no ano de 1973. Na data da entrevista estava com 51 anos exercia a profissão de militar da reserva.

BIBLIOGRAFIA:

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo. O sentido da reforma agrária no Brasil dos anos 90. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, v. 18, 1996, p. 89-107.

COSTA. M. A. (ed.). *Migrações Internas no Brasil* – IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1971.

CURY, Sampaio. R.. *Avaliação Socioeconômica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Uberlândia: IE /UFU (Departamento de Economia. Universidade Federal de Uberlândia), 1987.

FERREIRA Ester W. et al. Aglomerações Urbanas de Uberlândia (MG): Formação Socio-Econômica e Centralidade Regional. In: HOGAN Daniel Joseph et alii (Orgs.). *Migração e Ambiente nas Aglomerações Urbanas*. 1 ed. Campinas: UNICAMP, 2001, p.195-223.

LEME, Heládio J.C. (org.). *Condições Sócio-Econômicas das Famílias de Uberlândia*. Relatório de Pesquisa. Uberlândia: IE e CEPES/UFU, 2001. 161p.

LUCENA, C. R. P. T. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999. 192 p.

OLIVEIRA, Dalva Maria de. Migrantes nordestinos e as relações com a cidade. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'Água. PUC-SP (Programa de Estudos Pós-Graduados em História/ Série: Pesquisa em História), nov. 1999, p. 173-197.

PORTELLI, Alessandro O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et alii (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 296-313.

_____. O que faz a história oral diferente. *Projeto de História*, São Paulo, nº 14, p.25-39, fev./ 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho; algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo n. 15, p. 13-49, 1997.

SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação, a construção de novos valores*. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1995.

THOMAZ JR, Antônio. *Por uma geografia do trabalho*; reflexões preliminares. Presidente Prudente, São Paulo, 2002.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Narradores do sertão: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses. Tese (Doutorado em História), São Paulo: PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). 2004.